Contém trecho do livro inédito *O crepúsculo e a aurora*

KEN FOLLETT



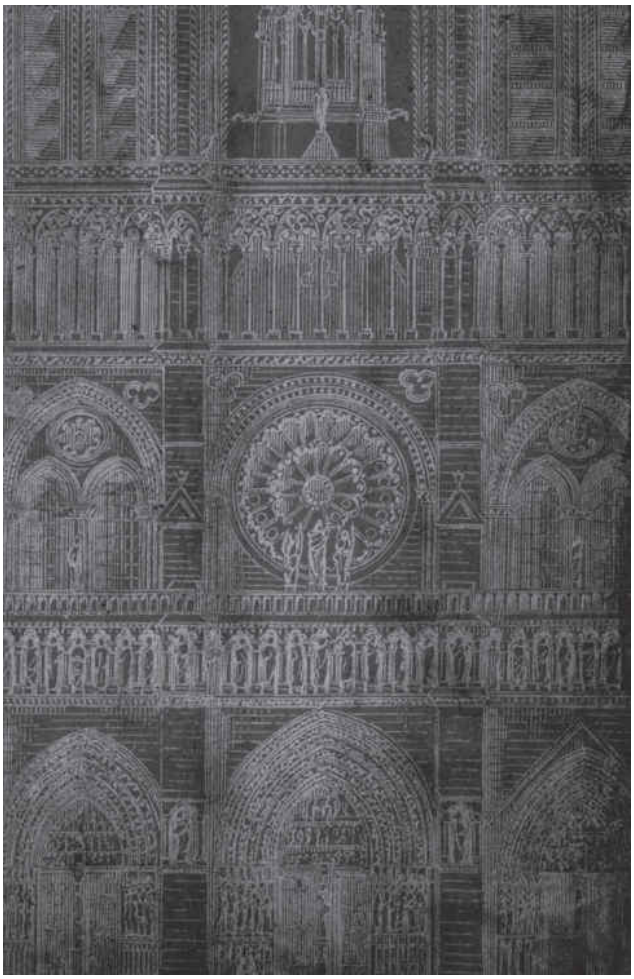
NOTRE-DAME

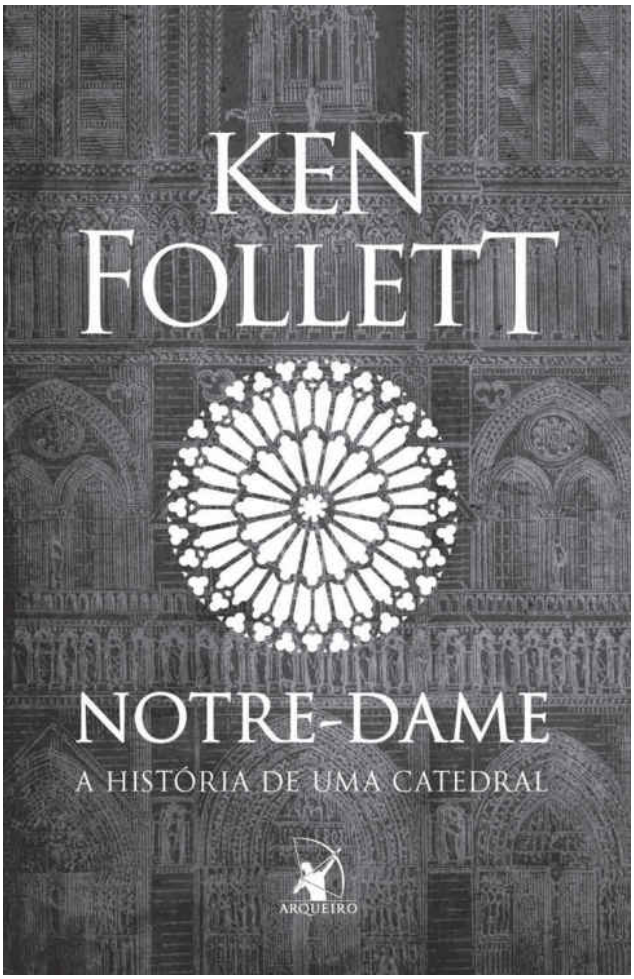
A HISTÓRIA DE UMA CATEDRAL

OS DIREITOS AUTORAIS DESTE LIVRO SERÃO DOADOS PARA AJUDAR NA RECONSTRUÇÃO DA NOTRE-DAME

NOTRE-DAME

A HISTÓRIA DE UMA CATEDRAL




KEN
FOLLETT
NOTRE-DAME
A HISTÓRIA DE UMA CATEDRAL
ARQUEIRO

Título original: *Notre-Dame*

Copyright © 2019 por Ken Follett

Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Roberta Clapp e Bruno Fiuza

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Hermínia Totti e Luis Américo Costa

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Penguin Random House Grupo Editorial

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: Bridgeman/ Fotoarena

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F724n

Follet, Ken
Notre-Dame [recurso eletrônico]/ Ken Follett; tradução de Bruno Fiuza e Roberta Clapp. São Paulo: Arqueiro, 2020.
recurso digital: il.

Tradução de: Notre-Dame
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-306-0152-2 (recurso eletrônico)

1. Notre-Dame de Paris (Catedral). 2. Catedral - França - Paris. 3. Paris (França) - Edifícios, estrutura, etc. 4. Livros eletrônicos. I. Fiuza, Bruno. II. Clapp, Roberta. III. Título.

20-62862

CDD: 726.5
CDU: 726:27-523.41 Catedrais

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

“Era um daqueles dias de primavera com tanta suavidade e beleza que Paris inteira, espalhada em praças públicas e passeios, festeja como se domingo fosse. Nesses dias de claridade, de calor e serenidade, há uma hora precisa em que seria importante admirar o pórtico de Notre Dame. É no momento em que o sol, já descendo para o poente, olha quase de frente a catedral. Seus raios, cada vez mais horizontais, lentamente se retiram do chão da praça e sobem ao longo da fachada vertiginosa, realçando com suas sombras os mil relevos esculpidos, enquanto a grande rosácea central flameja como um olho de ciclope, inflamado pela reverberação da forja.”

Victor Hugo,
O corcunda de Notre Dame

“Hoje, em todos os idiomas, há quem chore por ela.”

Paris Match

Sumário

1

2

3

4

5

6

Agradecimentos

Leia um trecho do próximo livro do autor

O crepúsculo e a aurora

Sobre o autor

Informações sobre a Arqueiro

1

2019

A voz ao telefone falava em tom de urgência: “Estou em Paris. Ligue a televisão!”

Eu estava em casa, na cozinha, com Barbara, minha esposa. Havíamos acabado de jantar. Eu não tinha bebido nem uma gota de vinho, o que acabou sendo bom. Não sabia ainda, mas aquela seria uma longa noite.

A voz ao telefone era de uma velha amiga. Por ter ocupado os cargos de deputada e ministra, ela tinha atravessado diversas crises, sendo completamente imperturbável, mas naquele momento parecia em choque.

Você sabe o que vimos na tela: a magnífica Catedral de Notre-Dame de Paris, uma das maiores realizações da civilização europeia, em chamas.

Aquela visão nos deixou estupefatos e profundamente perturbados. Fiquei à beira das lágrimas. Algo inestimável estava morrendo diante dos nossos olhos. Era uma sensação desconcertante, como se a terra estivesse tremendo.

Eu conhecia bem a catedral. Uma vez, no Natal, Barbara e eu fomos lá assistir à missa da meia-noite. Milhares de pessoas lotavam a igreja. Uma luz fraca projetava sombras enormes nos corredores, as canções natalinas ecoavam pela nave e a abóbada sobre nossa cabeça estava tomada pela escuridão. A parte mais emocionante era saber que nossos ancestrais

celebravam o Natal daquela mesma forma, naquela mesma igreja, havia mais de oitocentos anos.

Eu tinha visitado a catedral muitas outras vezes. Minha visão mais antiga dela era de 1966, primeira vez que passei férias fora do Reino Unido, embora eu acredite que aos 17 anos estava interessado demais nas meninas do nosso grupo para realmente prestar atenção em uma catedral. A visita mais recente tinha sido apenas quatro semanas antes, passando de carro pela Rive Gauche – como sempre, fiquei inebriado pela magnífica vista das torres gêmeas e dos arcobotantes.

Assim que comecei a pensar racionalmente sobre o que estava vendo na televisão, entendi o que estava em chamas e de que forma o fogo ganhava força, enquanto os jornalistas que faziam a cobertura, não – e por que deveriam? Eles não tinham estudado a arquitetura das catedrais góticas, mas eu sim, durante a pesquisa para escrever *Os pilares da Terra*, meu romance sobre a construção de uma catedral medieval fictícia. Uma cena fundamental no Capítulo Quatro descreve a antiga Catedral de Kingsbridge em chamas, e eu havia me perguntado: de que forma, exatamente, uma enorme igreja de pedra pega fogo?

Subi até o espaço empoeirado sob o telhado de catedrais como a da Cantuária e a de Florença. Fiquei de pé sobre as poderosas vigas que cortam a nave e observei os caibros que sustentam o telhado de chumbo. Reparei no tipo de entulho ressecado que geralmente se acumula nesses locais: pedaços velhos de madeira e de corda, embalagens de sanduíche deixadas por funcionários da manutenção, gravetos entrelaçados de ninhos de pássaros e colmeias de vespas. Eu tinha certeza de que o incêndio na Notre-Dame havia começado em algum ponto do telhado, provavelmente quando uma ponta de cigarro ou uma faísca gerada por um curto-circuito fez com que algum desses detritos pegasse fogo, o que por sua vez incendiou a estrutura de madeira. E os danos resultantes provocavam risco de desabamento.

Decidi compartilhar aquele palpite com outras pessoas, então tuitei:

Os caibros são formados por centenas de toneladas de madeira velha e bastante ressecada. Quando eles pegam fogo, o telhado desaba e, ao cair, os destroços arrasam o teto abobadado, que também desaba, destruindo os enormes pilares de pedra que mantêm a estrutura toda de pé.

Isso acabou por se mostrar quase inteiramente correto, exceto pelo fato de que eu subestimei a força dos pilares e das abóbadas, que ficaram danificados, mas por sorte não foram totalmente destruídos.

Eis como se deu a destruição da Catedral de Kingsbridge em *Os pilares da Terra*, do ponto de vista do prior Philip:

O estrondo de algo quebrando o fez levantar a cabeça. Imediatamente acima dele, uma imensa viga emborcava lentamente. Ia cair em cima de Philip. Ele correu de volta até o transepto sul, onde Cuthbert estava parado com uma expressão assustada. Um pedaço inteiro do telhado – três triângulos de vigas e empenas mais as placas de chumbo presas a eles – estava desabando. Philip e Cuthbert ficaram olhando, petrificados, sem ligar para a própria segurança. O telhado desabou por cima de um dos grandes arcos arredondados do coro. O peso descomunal da madeira e do chumbo fez as pedras do arco racharem, provocando uma explosão longa parecida com um trovão. Tudo aconteceu bem lentamente: as tábuas caíram devagar, o arco rachou devagar e as pedras soltas despencaram no ar devagar. Outras vigas do telhado se soltaram, e então, com um barulho semelhante a um longo e lento rufar de trovão, uma parte inteira da parede norte da chancela estremeceu e tombou para dentro do transepto norte.

Philip estava arrasado. A visão de um edifício daquela imponência sendo destruído era estranhamente chocante. Era como ver uma montanha ruir ou um rio secar: ele nunca chegara a pensar que aquilo pudesse acontecer. Mal podia acreditar nos próprios olhos.

Em 15 de abril de 2019, enquanto a noite caía, a população de Paris foi para as ruas, e as emissoras de televisão exibiram milhares de rostos enlutados iluminados pelas chamas, alguns entoando hinos, outros apenas em lágrimas enquanto observavam sua amada catedral arder. O tuíte que provocou as reações mais autênticas dos meus seguidores naquela noite dizia:

Français, françaises, nous partagons votre tristesse.
Franceses, francesas, nós compartilhamos de sua tristeza.

O correto seria *nous partageons*, com "e", mas ninguém se importou.

Há pessoas que entendem mais de catedrais medievais do que eu, mas os jornalistas não sabiam o nome delas. Eles sabiam o meu por causa dos meus livros, e sabiam que *Os pilares da Terra* é sobre uma catedral, de modo que, em questão de minutos, comecei a receber mensagens das redações. Passei aquela noite inteira dando entrevistas para canais de televisão, para rádios e jornais, explicando, em inglês e em francês, o que estava acontecendo na Île de la Cité.

Ao mesmo tempo que dava as entrevistas, eu acompanhava a cobertura.

O pináculo central, esguio como uma ponta de flecha e com quase 100 metros de altura, era um provável ponto de origem do incêndio, e agora ardia como o inferno. Era feito de 500 toneladas de vigas de carvalho, com um teto de chumbo de 250 toneladas, e a madeira em chamas logo se tornou fraca demais para suportar todo o peso do metal. O momento mais tocante da noite, para a multidão de luto nas ruas e para os milhões de espectadores horrorizados diante da TV, foi quando o pináculo tombou para o lado, partiu-se ao meio como se fosse um palito de fósforo e desabou sobre o telhado em chamas da nave.

A Notre-Dame sempre pareceu eterna, e os responsáveis por sua construção na Idade Média sem dúvida acreditavam que ela duraria até o

Juízo Final. Mas, de repente, vimos que ela poderia ser destruída. Na vida de toda criança existe o momento doloroso em que ela percebe que o pai não é todo-poderoso nem infalível. Ele tem fraquezas, está sujeito a doenças e um dia irá morrer. O desabamento do pináculo me fez pensar nesse momento.

Parecia que a nave já estava arruinada. Acreditei ter visto chamas em uma das duas torres e sabia que, se elas caíssem, a igreja inteira seria destruída.

O presidente Emmanuel Macron, um líder modernizador radical que estava no meio de uma batalha amarga e violenta com a parcela da população que não aprovava suas reformas, se pronunciou diante das câmeras e se tornou, pelo menos por algum tempo, o legítimo líder de uma nação francesa unida. Ele impressionou o mundo e trouxe lágrimas aos olhos deste galês quando disse, com firme convicção: "*Nous rebâtirons*." "Nós vamos reconstruir."

Fui dormir à meia-noite e ajustei o despertador para as quatro e meia, pois o último telefonema que tinha recebido fora um convite para participar de um programa matinal no dia seguinte.

Eu temia que o sol se levantasse sobre uma pilha fumegante de escombros na Île de la Cité, onde a Notre-Dame se erguia repleta de orgulho. Fiquei extremamente emocionado ao ver que a maior parte das paredes ainda estava de pé, assim como o magnífico par de torres quadradas da fachada ocidental. Não havia sido tão ruim quanto o mundo temia, e eu me dirigi ao estúdio de televisão com uma mensagem de esperança.

Passei a terça-feira toda dando entrevistas e, na quarta, viajei para Paris a fim de participar de um debate no programa de TV *La Grande Librairie* sobre o simbolismo das catedrais na literatura e na vida.

Para mim, não fazia nenhum sentido ficar em casa. Eu admirava demais a Notre-Dame. Não sou religioso, mas frequento a igreja mesmo assim. Amo a arquitetura, a música, os ensinamentos da Bíblia e a sensação de compartilhar algo profundo com outras pessoas. Já há muito

tempo encontro uma enorme paz espiritual nas grandes catedrais, assim como outros milhões de pessoas, sejam crentes ou não. E tenho outro motivo para ser grato às catedrais: meu amor por elas inspirou o romance que é sem dúvida meu livro mais popular, e talvez o melhor deles.

O presidente Macron disse que a Notre-Dame seria reconstruída em cinco anos. Um jornal francês respondeu com a manchete "Macron acredita em milagres". Mas a ligação dos franceses com a catedral é muito intensa. Ela foi palco de alguns dos principais eventos da história francesa. Toda placa de estrada que diz a que distância você se encontra de Paris informa a distância até o Ponto Zero, uma estrela de bronze incrustada no pavimento em frente à Notre-Dame. O grande sino chamado Emmanuel, na torre sul, pode ser ouvido por toda a cidade quando toca seu profundo fá para anunciar alegria ou tristeza – o fim de uma guerra ou uma tragédia como o 11 de Setembro.

Além disso, não é sábio subestimar os franceses. Se existe alguém capaz de empreender essa tarefa, são eles.

Antes que eu fosse embora de Paris, minha editora francesa me perguntou se eu cogitava escrever algo inédito sobre o meu amor pela Notre-Dame, à luz do terrível acontecimento de 15 de abril. Os lucros do livro iriam para o fundo de reconstrução, assim como meus direitos autorais. "Sim", respondi. "Começo amanhã."

Isto é o que escrevi.



O autor (à direita) conversando com Philippe Villeneuve, arquiteto-chefe da reconstrução da Notre-Dame

2

1163

A Catedral de Notre-Dame era pequena demais em 1163. A população de Paris estava em crescimento. Na margem direita do rio, o comércio crescia a níveis desconhecidos no resto da Europa medieval, e, na margem esquerda, a universidade atraía estudantes de diversos países. Entre as duas, em uma ilha no Sena, ficava a catedral, e o bispo Maurício de Sully achava que ela deveria ser maior.

E havia algo mais. A construção existente seguia o chamado estilo românico, de arcos redondos, mas havia um novo movimento arquitetônico bastante interessante que usava arcos pontiagudos, permitindo maior entrada de luz, compondo o visual que hoje conhecemos como gótico. Esse estilo tinha sido inaugurado a apenas 10 quilômetros de distância da Notre-Dame, na abadia de Saint-Denis – onde eram sepultados os reis franceses –, que combinara de forma brilhante dezenas de inovações técnicas e visuais: além do arco pontiagudo, as colunas eram formadas por um aglomerado de pilastras, das quais brotavam nervuras que seguiam até o alto teto abobadado, agora mais leve; uma passarela semicircular na fachada oriental, para fazer com que os peregrinos passassem diante das relíquias de Saint-Denis; e, do lado de fora, graciosos arcobotantes que permitiam a existência de janelas maiores e

faziam com que a enorme igreja parecesse prestes a decolar.



Maurício de Sully, bispo de Paris

Maurício devia ter visto a nova igreja de Saint-Denis e se apaixonado por ela. Sem dúvida, ela fazia a Notre-Dame parecer antiquada. Talvez ele estivesse com um pouco de inveja do abade Suger, de Saint-Denis, que havia encorajado sucessivamente dois mestres de obras a fazer

experimentações ousadas, com resultados incrivelmente bem-sucedidos. Assim, Maurício ordenou que sua catedral fosse demolida e substituída por uma igreja gótica.

Permita-me fazer uma pausa. Tudo isso parece muito simples, mas na verdade é assombroso. A Catedral de Notre-Dame de Paris, assim como a maioria das grandes igrejas góticas que se mantêm como as mais belas construções de inúmeras cidades europeias, foi erguida na Idade Média, uma época marcada por violência, fome e peste.

A construção de uma catedral era uma empreitada gigantesca, que se estendia por décadas. A Catedral de Chartres levou 26 anos para ser erguida, e a de Salisbury, 38 anos, mas ambos os projetos foram extraordinariamente rápidos. A Notre-Dame de Paris levou quase cem anos, e melhorias continuaram sendo feitas depois disso.

Foram necessárias centenas de trabalhadores, e custou uma fortuna. Seria um feito equivalente, em tempos atuais, à viagem do homem à Lua.

Aquela enorme igreja foi erigida por pessoas que viviam em cabanas de madeira com telhado de palha, pessoas que dormiam no chão porque apenas os ricos tinham camas. As torres têm quase 70 metros de altura, mas os mestres de obras não dispunham de fórmulas matemáticas para calcular a tensão nesse tipo de estrutura. Eles se guiavam por tentativa e erro, que de fato eram cometidos. Às vezes, o trabalho desmoronava: a Catedral de Beauvais veio abaixo duas vezes.

Hoje em dia podemos ir até uma loja de ferragens e comprar um martelo perfeitamente funcional, com uma cabeça de aço, por um preço muito baixo, mas as ferramentas dos operários que construíram essas catedrais eram rústicas e o aço custava tão caro que era usado com bastante moderação, em geral apenas na ponta de uma lâmina.

A Notre-Dame e todas as catedrais são ricamente ornamentadas, mas os trabalhadores usavam túnicas simples costuradas em casa. A catedral possuía travessas, cálices, crucifixos e castiçais de ouro e prata, enquanto a congregação bebia em xícaras de madeira e usava pedaços secos de junco como velas.

Como isso foi possível? Como uma beleza tão majestosa emergiu em meio à brutalidade e à imundície da Idade Média?

A primeira parte da resposta é algo quase sempre deixado de fora de qualquer narrativa sobre as catedrais: o clima.

O período compreendido aproximadamente entre os anos 950 e 1250 é chamado pelos climatologistas de Anomalia Climática Medieval. Ao longo de trezentos anos, o clima na região do Atlântico Norte foi melhor que o normal. As evidências vêm de anéis de troncos de árvores, núcleos de gelo e depósitos de lagos, que nos fornecem informações sobre mudanças climáticas de longo prazo no passado. Ocasionalmente havia anos de colheitas ruins e fome, mas em média a temperatura era mais alta. O tempo quente era sinônimo de safras abundantes e de pessoas mais ricas. Foi dessa forma que a Europa escapou da longa depressão conhecida como a Idade das Trevas.

Toda vez que seres humanos conseguem produzir mais do que precisam para sobreviver, aparece alguém para se apossar do excedente. Na Europa medieval, havia dois grupos que faziam isso: a aristocracia e a Igreja. Os nobres lutavam nas guerras e, entre uma batalha e outra, praticavam a caça para exercitar suas habilidades de montaria e conservar o espírito sanguinário. A Igreja construía catedrais. O bispo Maurício tinha recursos para executar seu projeto – ou, pelo menos, para dar início a ele.

Ele contratou um mestre de obras, alguém cujo nome não sabemos, que elaborou um projeto. Mas o projeto não foi desenhado em papel. A arte de fabricar papel era novidade na Europa do século XII, e o produto era um luxo custoso. Livros como a Bíblia eram escritos em pergaminho, um couro bem fino – e também caro.

Os pedreiros desenhavam seus projetos no piso. Eles espalhavam argamassa no chão e esperavam até que endurecesse. Em seguida, traçavam o esboço usando um instrumento pontiagudo de ferro, como um prego. As linhas traçadas eram brancas a princípio, mas desapareciam conforme o tempo passava, o que permitia que novos projetos fossem

desenhados sobre os antigos. Alguns desses projetos desenhados no piso sobreviveram até os dias de hoje, e eu tive a oportunidade de estudar os das catedrais de York e de Wells.

Supõe-se que tenha havido longos debates entre o bispo Maurício e seu mestre de obras, nos quais o bispo explicava seu desejo – uma igreja moderna e bem iluminada – e o mestre buscava formas de concretizar esse sonho. Mesmo assim, ambos estavam cientes de que, ao longo dos anos, à medida que a obra avançasse, o projeto seria modificado pelo surgimento de novas ideias e pela participação de novas pessoas.

A altura projetada para a construção pode ter sido um tema importante dessas reuniões. Segundo o historiador Jean Gimpel, no livro *Les Bâtisseurs de cathédrales* (Os construtores de catedrais), toda cidade queria que a sua fosse a igreja mais alta:

> *A jovem sociedade medieval representada pela burguesia, em seu entusiasmo, foi tomada pela moda do "recorde mundial" e fez as naves decolarem em direção aos céus.*

A nave da Notre-Dame foi projetada com 33 metros de altura – a mais alta do mundo (embora não por muito tempo: seria ultrapassada pela de Chartres alguns anos depois).

Enquanto isso, a antiga catedral vinha abaixo. Mas os materiais não foram descartados. As pedras em melhor condição foram empilhadas para formar as fundações da nova igreja. Até mesmo os escombros foram aproveitados, porque a parede de uma catedral medieval é um sanduíche de duas camadas de pedra lapidada, com um recheio de entulho.

Foi preciso encomendar mais pedra. Não o famoso *calcaire lutécien* de tom cinza-creme usado no Louvre, no Hôtel des Invalides, nas casas dos milionários da indústria cinematográfica em Hollywood e nas lojas Giorgio Armani ao redor do mundo. Ele só seria descoberto no século XVII e vem de pedreiras situadas 40 quilômetros ao norte de Paris, em

Oise. Na Idade Média, o custo do transporte de pedras podia ser proibitivo. Na Notre-Dame foi utilizado calcário de diversas pedreiras mais próximas, não muito além dos limites da cidade.

O mestre organizava as pedras de acordo com suas características: as mais duras eram usadas para os suportes estruturais, que precisavam sustentar um peso enorme; as macias, que podiam ser esculpidas com mais facilidade, eram reservadas para os detalhes decorativos, que não suportavam carga.

Uma vez finalizado o projeto, os operários precisavam de um sistema de medidas afinado. Uma jarda, uma libra e um galão não tinham os mesmos valores em todos os lugares. Cada canteiro de obras tinha sua própria régua, uma barra de ferro que determinava para todos os operários a medida exata de uma determinada unidade.

Àquela altura, Paris devia ter suas próprias medidas padronizadas, que ficavam à mostra na região do cais, junto à margem direita do Sena. Paris já era uma cidade comercial, provavelmente a maior da Europa, e era essencial que uma jarda de tecido, uma libra de prata ou um galão de vinho representassem a mesma medida em todas as lojas da cidade, para que os clientes soubessem o que estavam comprando. (Sem dúvida também havia comerciantes que se queixavam do excesso de regulamentação governamental!) Portanto, é provável que o mestre de obras da Notre-Dame tenha estabelecido sua régua de acordo com as medidas utilizadas pelos comerciantes parisienses.

Com um projeto desenhado no piso e uma régua na mão, o mestre de obras traçou as linhas da catedral no chão onde ficava a antiga igreja e a construção pôde ter início.

De repente, Paris precisava de mais artesãos e operários, principalmente pedreiros, carpinteiros e fabricantes de argamassa. Havia alguns na cidade, mas não eram suficientes para aquele ambicioso novo projeto. No entanto, os trabalhadores que atuavam na construção de catedrais eram nômades, viajando de cidade em cidade por toda a Europa em busca de trabalho – e, dessa forma, propagando inovações técnicas e

estéticas. Quando se espalhou a notícia de que Paris estava construindo uma catedral, eles começaram a chegar, vindos tanto de províncias próximas quanto de regiões mais afastadas, como Itália, Holanda e Inglaterra.

Havia mulheres e homens. O historiador Jean Gimpel, já mencionado, teve acesso aos registros de impostos da administração de Paris do século XIII e encontrou muitos nomes femininos na lista de artesãos que pagavam tributos. Gimpel foi o primeiro historiador a analisar o papel das mulheres na construção de nossas grandes catedrais. A ideia de que mulheres são fracas demais para esse tipo de trabalho não faz nenhum sentido, mas pode ser verdade que a estrutura do braço masculino seja mais bem projetada para a ação de martelar. De qualquer forma, era mais comum que as mulheres trabalhassem com estuque e argamassa do que com martelo e cinzel. Elas frequentemente integravam uma equipe familiar, composta por marido, esposa e os filhos mais velhos, e é fácil imaginar o homem lapidando pedras, a mulher preparando argamassa e os adolescentes transportando areia, cal e água.

A maioria das catedrais foi construída graças a um esforço internacional. O projeto da Catedral da Cantuária, a mais importante da Inglaterra, foi feito por um francês, Guillaume de Sens. Homens e mulheres de diferentes nações trabalhavam lado a lado nesses canteiros de obras, e os estrangeiros têm razão ao enxergar a Notre-Dame como parte de seu patrimônio histórico da mesma forma que o é da nação francesa.

O trabalho era perigoso. Uma vez que as paredes ultrapassavam a altura do pedreiro, ele tinha que trabalhar em uma plataforma, e, conforme as paredes continuavam a subir, a plataforma também ascendia. Andaimes medievais eram uma armação precária feita de galhos atados com cordas, e as pessoas daquela época bebiam bastante cerveja. Guillaume de Sens morreu ao cair de um andaime na Cantuária, e ele foi apenas um de muitos.

Os operários deram início à construção da Notre-Dame pela fachada leste, como de costume. Havia uma razão prática para isso. Assim que o

coro ficasse pronto, os padres já poderiam começar a realizar missas ali, enquanto o restante da igreja era erguido.

Mas a obra da Notre-Dame correu mal. Não se sabe o motivo, embora falta de dinheiro fosse a causa mais frequente de atrasos (entre as outras estavam greves, escassez de suprimentos e desmoronamentos). Quando os recursos se esgotavam, os artesãos eram dispensados e o trabalho prosseguia lentamente até a chegada de mais dinheiro. Levou dezenove anos para que o altar-mor fosse consagrado.

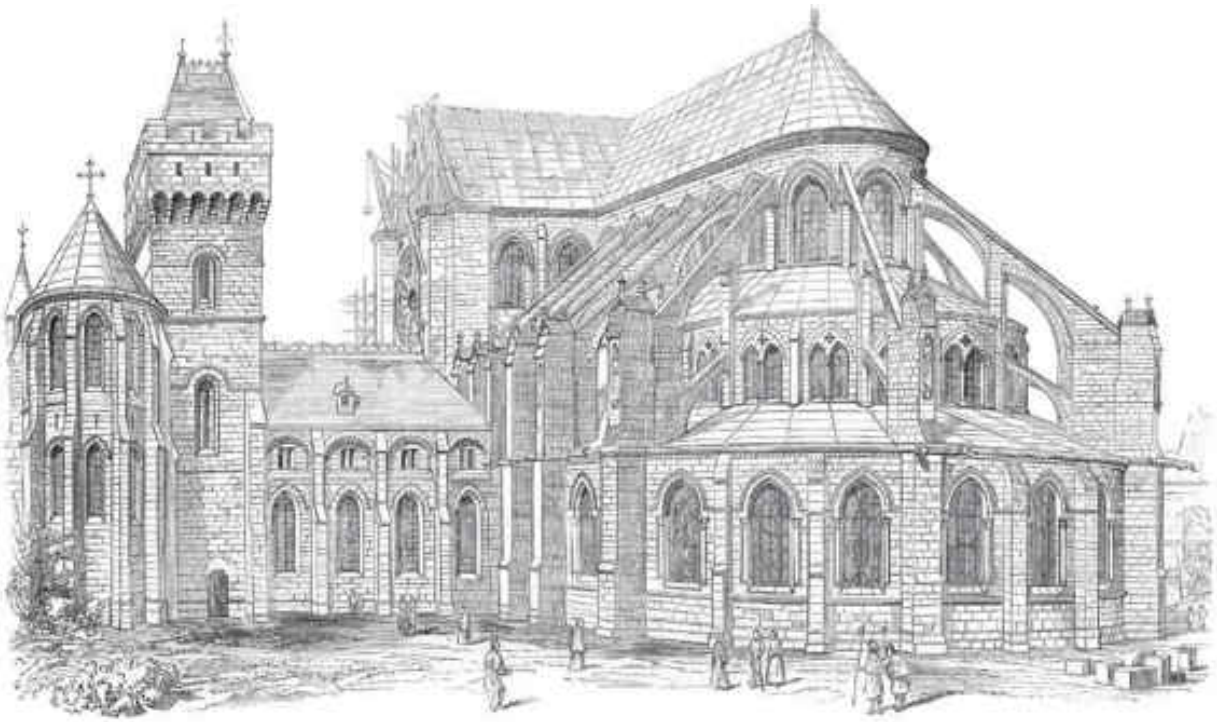
Mesmo assim, o coro não estava pronto, porque surgiram rachaduras nas pedras. O mestre de obras concluiu que o teto estava pesado demais, e a solução encontrada acabou sendo bastante oportuna: para reforçar as paredes, ele acrescentou os elegantes arcobotantes que hoje tornam a vista da fachada leste tão encantadora, como se fosse um bando de pássaros levantando voo.

A partir de então, a obra desacelerou ainda mais. Enquanto a Catedral de Chartres, a apenas 80 quilômetros de distância, subia rapidamente, a Notre-Dame seguia aos trancos e barrancos.

Novos estilos surgiam. As rosáceas, talvez os elementos mais admirados da Notre-Dame, foram uma adição tardia, iniciada nos anos 1240 pelo primeiro mestre de obras cujo nome sabemos: Jean de Chelles. Os vitrais foram fabricados ao final do processo de construção, quando a estrutura já estava firmemente assentada.

As torres gêmeas ficaram prontas em 1250. É provável que a última etapa tenha sido a fundição dos sinos. Como seria quase impossível transportá-los pela mínima distância que fosse, eles foram fundidos no próprio local, e acredita-se que os operários da Notre-Dame tenham feito uma fornalha próximo à base da fachada oeste, para que depois de finalizado o sino pudesse ser içado diretamente para o topo da torre.

A catedral estava mais ou menos pronta por volta de 1260. Mas o bispo Maurício tinha morrido em 1196. Ele não chegou a ver sua grande catedral concluída.



A Notre-Dame depois de pronta

3

1831

Aos 29 anos, Victor Hugo era um poeta famoso. Quando jovem, ele havia publicado dois romances, que não tiveram muito sucesso, e poucas pessoas os leem nos dias de hoje. No entanto, suas peças causavam alvoroço. *Marion de Lorme* foi proibida pela censura e *Hernani* era tão escandalosa que provocou uma revolta no teatro da Comédie-Française.

Victor Hugo representava um dos lados de uma controvérsia literária, o conflito entre classicistas e românticos. É uma disputa que hoje, para os leitores modernos, parece tão fútil quanto o debate medieval sobre quantos anjos podem dançar na cabeça de um alfinete. Mas, na Paris do século XIX, os intelectuais se enfureciam com ela a ponto de trocarem socos. Victor Hugo era visto como um representante dos românticos.

Paradoxalmente, o jovem poeta era um conservador em termos políticos. Nascido logo após a Revolução Francesa, era a favor da restauração da monarquia. Os revolucionários tinham rejeitado todas as religiões – e transformado a Notre-Dame em um "Templo da Razão", onde era venerada a Deusa da Razão, normalmente retratada como uma mulher com os seios à mostra empunhando a bandeira francesa nas cores vermelha, branca e azul. Mas o jovem Victor Hugo acreditava na autoridade da Igreja Católica. Ele chegou até a fundar uma revista

chamada *Le Conservateur littéraire* (O conservador literário).



A Liberdade guiando o povo, *de Eugène Delacroix*

No entanto, ele mudou. Diz uma página de seu diário: "Nos últimos dez anos, minha antiga convicção monarquista e católica de 1820 desmoronou peça por peça, graças à idade e à experiência." Ele escreveu um pequeno texto semifictício chamado *Le Dernier Jour d'un condamné* (O último dia de um condenado), um relato surpreendentemente repleto de compaixão sobre as horas finais de um homem condenado à morte, baseado na história real de um assassino. Ele estava começando a ver a sociedade francesa como às vezes dura e cruel, e sua imaginação era cada vez mais ocupada pelos desprezados: prisioneiros, órfãos, aleijados, mendigos e assassinos. E, como todo romancista, ele ansiava por

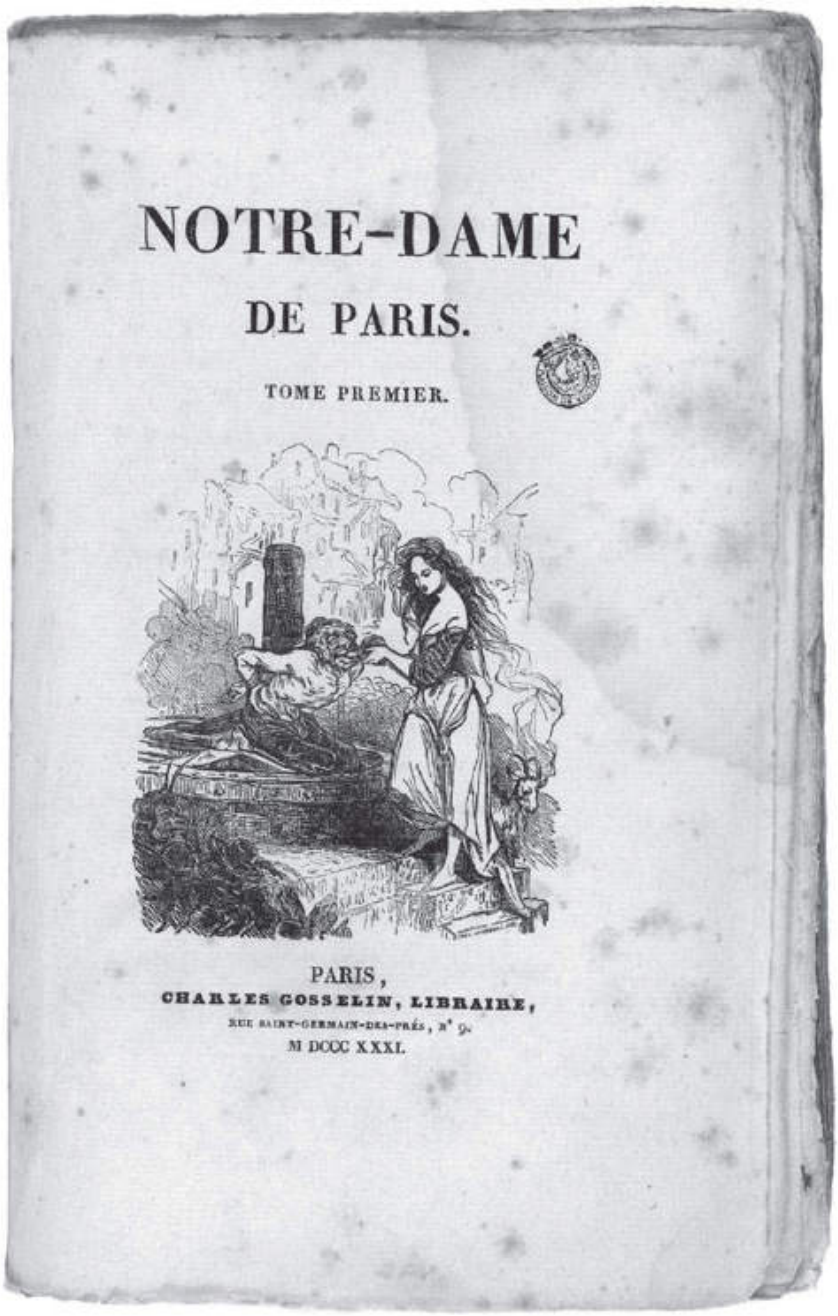
transformar suas obsessões em histórias. Estava se encaminhando a toda a velocidade para a crítica social que, trinta anos depois, daria origem à sua obra-prima, *Os miseráveis*.

Fazia bastante tempo que ele tinha recebido o adiantamento de uma editora para um romance histórico ambientado em Paris, e já havia realizado boa parte da pesquisa, mas sempre adiava a escrita de fato. A princípio seu editor foi compreensivo, como de costume, mas acabou por se tornar mais insistente, também como de costume.

Em 1º de setembro de 1830, ele se sentou para escrever o Capítulo Um. Sua esposa relembrou: "Ele comprou um frasco de tinta e um enorme xale cinza de tricô, que o cobria da cabeça aos pés; deixou suas roupas formais trancadas, para que não se sentisse tentado a sair; e se fechou em seu romance como se ele fosse uma prisão." (A propósito, escritores costumam ficar enrolados em mantas de lã; passamos o dia inteiro sentados, sem sair do lugar, então sentimos muito frio.)

Em meados de janeiro de 1831, surpreendentemente, o livro estava pronto. Ele escrevera algo em torno de 180 mil palavras em quatro meses e meio. E o resultado era muito, muito bom.

Ambientado no ano de 1482, tinha o mesmo nome da catedral, *Notre-Dame de Paris*. A heroína é Esmeralda, uma linda cigana que dança na rua para ganhar alguns centavos. Os três outros personagens principais são homens que se apaixonam por ela: o desprovido estudante Pierre Gringoire, o altivo arquidiácono Claude Frollo e o deformado tocador de sino Quasímodo.



Folha de rosto de Notre-Dame de Paris, *com vinheta de Tony Johannot, editado por Charles Gosselin em Paris, 1831*

O livro recebeu péssimas críticas, mas o público o adorou e ele foi rapidamente traduzido para outros idiomas. A edição em inglês foi batizada *The Hunchback of Notre-Dame* – que viria a inspirar a tradução consagrada em português, *O corcunda de Notre Dame* –, um título ao

mesmo tempo mais popular e mais atraente. E Victor Hugo se tornou mundialmente famoso.

Ele admirava o trabalho de Walter Scott, apontado frequentemente como o inventor do romance histórico. Mas havia escrito, em uma resenha de *Quentin Durward*, que o gênero era capaz de oferecer mais. Ele não disse que era capaz de escrever melhor que Scott, mas sem dúvida pensou nisso, e, na minha opinião, ele estava certo. Victor Hugo jamais produziria uma frase tão constipada como esta, escolhida quase aleatoriamente no romance *Waverley*, de Scott:

> *The drawing-room of Flora Mac-Ivor was furnished in the plainest and most simple manner; for at Glennaquoich every other sort of expenditure was retrenched as much as possible, for the purpose of maintaining, in its full dignity, the hospitality of the chieftain, and retaining and multiplying the number of his dependants and adherents.*
>
> *A sala de estar de Flora Mac-Ivor era mobiliada da maneira mais trivial e mais simples; pois em Glennaquoich todos os outros tipos de despesa eram reduzidos o máximo possível, com o objetivo de prover, com plena dignidade, a hospitalidade do* Chieftain *e de reter e multiplicar o número de seus dependentes e adeptos.*

Victor Hugo queria escrever mais como Homero, autor das obras fundamentais da literatura grega, a *Odisseia* e a *Ilíada*. Ele criou obras repletas de cor, grandeza e paixão que, a meu ver, fazem Walter Scott parecer pálido.

Notre-Dame de Paris conduz o leitor ao submundo do crime, cuja imundície e brutalidade o autor descreve com um misto de nojo e prazer que nos remete, inevitavelmente, a seu contemporâneo Charles Dickens. Esse fascínio pelas classes baixas teve enorme sucesso entre os leitores e fez surgir imitadores. O sensacional e vívido *Les Mystères de Paris* (Os mistérios de Paris), de Eugène Sue, tornou-se, de início, mais popular que

o romance de Victor Hugo. O folhetim escrito por Sue foi publicado em 150 capítulos na primeira página do periódico *Journal des débats*. Ele tomou conta do imaginário da nação e era lido em voz alta em fábricas, escritórios, cafés e bares. No entanto, carecia da qualidade atemporal da obra de Hugo e pouco é lido nos dias de hoje.

Muitos dos personagens de Hugo são disparatadamente fantásticos, beirando o absurdo. Além dos já mencionados, encontramos o cruel rei dos ladrões Clopin Trouillefou; a eremita Irmã Gudule, que vive reclusa por vontade própria há anos; o juiz Florian Barbedienne, que profere sentenças aleatórias porque é surdo e não faz ideia do que acontece em seu tribunal; e o inveterado libertino Jehan Frollo.

No século XXI, acreditamos que as pessoas diferentes da média não devem ser definidas por essas diferenças, mas sim incluídas no todo. Os romancistas não trabalham dessa forma: eles usam justamente as diferenças para expressar personalidade. O Shylock de Shakespeare e o Fagin de Dickens são definidos por serem judeus; o Capitão Gancho de Barrie e o cego Pew de Stevenson são definidos por suas deficiências; e a lista de personagens definidos pela orientação sexual é bastante extensa – o Maurice de E. M. Forster, a Carol de Patricia Highsmith, o Renly Baratheon de George R. R. Martin, a Pussy Galore de Ian Fleming e muitos outros.

Quasímodo é definido pela feiura:

De fato, ele era mau, por ser selvagem. E era selvagem por ser feio.

Para contar sua história cheia de cores, repleta de confrontos raivosos e de crises intermináveis, Victor Hugo desenvolveu um estilo de extraordinária vivacidade e força, com musculatura suficiente para suportar o peso de todo aquele melodrama. Os maiores e mais populares romancistas, de Jane Austen a Ian Fleming, muitas vezes criaram uma prosa incrivelmente única, feita sob medida para o conteúdo de suas

histórias.

A alta qualidade da escrita de Victor Hugo é bem ilustrada por uma passagem na qual ele imagina, com uma presciência assustadora, um incêndio na Notre-Dame:

> *Os olhares buscaram o topo da igreja. Era extraordinário o que viam. Do alto da galeria mais elevada, acima da rosácea central, uma grande chama subia entre os dois campanários, lançando turbilhões de faíscas. Era um fogaréu desordenado e furioso, do qual o vento às vezes carregava uma língua, que se perdia nos ares. Abaixo dessa chama, abaixo da escura balaustrada de trevos em brasa, duas gárgulas monstruosas vomitavam a incessante cascata ardente, que destacava seu fluxo prateado sobre o fundo de trevas da fachada inferior. À medida que se aproximavam do chão, os dois jatos de chumbo líquido se alastravam, como a água que escapa dos mil buracos de um regador. As duas enormes torres, acima do fogo, apresentavam suas faces duras e recortadas, uma totalmente negra e a outra vermelha, parecendo ainda maiores, pela imensidão da sombra que projetavam até o céu. As inúmeras esculturas de diabos e dragões ganhavam um aspecto lúgubre. A claridade inquieta da chama fazia com que parecessem se mover. Pítons davam a impressão de rir, carrancas ganiam, salamandras sopravam fogo, tarascas tossiam fumaça.*

Ninguém jamais havia escrito dessa forma antes.

O romance que a Catedral de Notre-Dame inspirou Victor Hugo a escrever foi adaptado para pelo menos treze filmes, cinco séries de televisão, cinco peças, quinze musicais, cinco balés, duas séries de rádio da BBC e um videogame, segundo a Wikipédia. Pode haver ainda mais versões. Provavelmente, a adaptação cinematográfica mais famosa é a versão em preto e branco de 1939 estrelada por Charles Laughton no papel

de Quasímodo. Eu me lembro de assisti-la quando menino, num minúsculo aparelho de televisão da década de 1960, e de ter ficado completamente apavorado.

O romance de Victor Hugo conquistou o mundo todo. Mas fez mais que isso.

Os escritores de romance do século XIX passaram a se sentir à vontade para interromper o andamento de suas tramas e inserir longas passagens com descrições e opiniões pouco relevantes. Existem muitas delas em *O corcunda de Notre Dame*, mas as mais apaixonadas tratam da catedral.

No início do Livro Três, Victor Hugo escreve:

> *Sem dúvida ainda hoje é um edifício sublime, a igreja de Notre Dame de Paris. Porém, por mais bela que se conserve na velhice, é difícil não suspirar, não se indignar diante das degradações e inúmeras mutilações pelas quais simultaneamente o tempo e os homens fizeram o venerando monumento passar…*

Ele tinha raiva disso. A Notre-Dame sofreu diversos abusos durante e depois da Revolução Francesa. Sua estatuária havia sido danificada e a nave fora utilizada para estocar grãos.

As descrições elogiosas de Hugo sobre a beleza da Notre-Dame e seus protestos indignados sobre a negligência dispensada a ela emocionavam os leitores. Um best-seller internacional, atraía turistas e peregrinos para a catedral, e a construção meio arruinada que eles viam envergonhava a cidade de Paris. A indignação de Victor Hugo se estendeu para outras pessoas. O governo, então, decidiu agir.

Foi organizada uma competição para escolher o especialista que supervisionaria a reforma da catedral. A proposta vencedora era assinada por dois arquitetos. Um deles morreu de repente, mas o outro deu sequência ao trabalho. Seu nome era Eugène Viollet-le-Duc.

Ele tinha 30 anos quando ganhou o trabalho, e teria 50 ao terminá-lo.

4

1844

Viollet-le-Duc vinha de uma família mergulhada na cultura francesa: o avô era arquiteto, o tio era um pintor que havia estudado com o grande Jacques-Louis David e o pai era administrador das residências reais.

Durante toda a sua vida adulta, Viollet-le-Duc visitou construções medievais, desenhou-as lindamente e teorizou sobre arquitetura. Seus escritos e desenhos estão reunidos na *Encyclopédie médiévale*, um calhamaço repleto de detalhes e previsões. Com seu mentor Prosper Mérimée, trabalhou na restauração de inúmeras construções, entre elas a Sainte-Chapelle, uma igreja real erigida na mesma época que a Notre-Dame, na mesma Île de la Cité.



Eugène Viollet-le-Duc

Ele amava seu trabalho. Relembrando o passado, ele disse: “O trabalho era a melhor parte de nossos dias.” Era obcecado pela arquitetura medieval e adorava a Catedral de Notre-Dame de Paris. Não havia ninguém no mundo mais qualificado para reformá-la.

Viollet-le-Duc começou fazendo um meticuloso mapa com um código de cores que indicava cada localização e tipo de pedra nas áreas que precisavam de reparos.

Os trabalhadores começaram a remover as pedras danificadas. As estátuas sobre os portais da fachada oeste haviam sido decapitadas durante a revolução, e mais de sessenta delas tiveram que ser substituídas. Outros ornamentos, como gárgulas e quimeras – animais monstruosos –, haviam sido arrasados.

Conforme iam sendo retirados, Viollet-le-Duc fazia desenhos do que restava, numa meticulosa exibição de seu talento como projetista que refletia de maneira profunda sua personalidade. Eu sou o orgulhoso detentor de um desses desenhos. Ele mostra uma mísula que serve de suporte para um pilar, esculpida na forma da cabeça de um monstro imaginário.



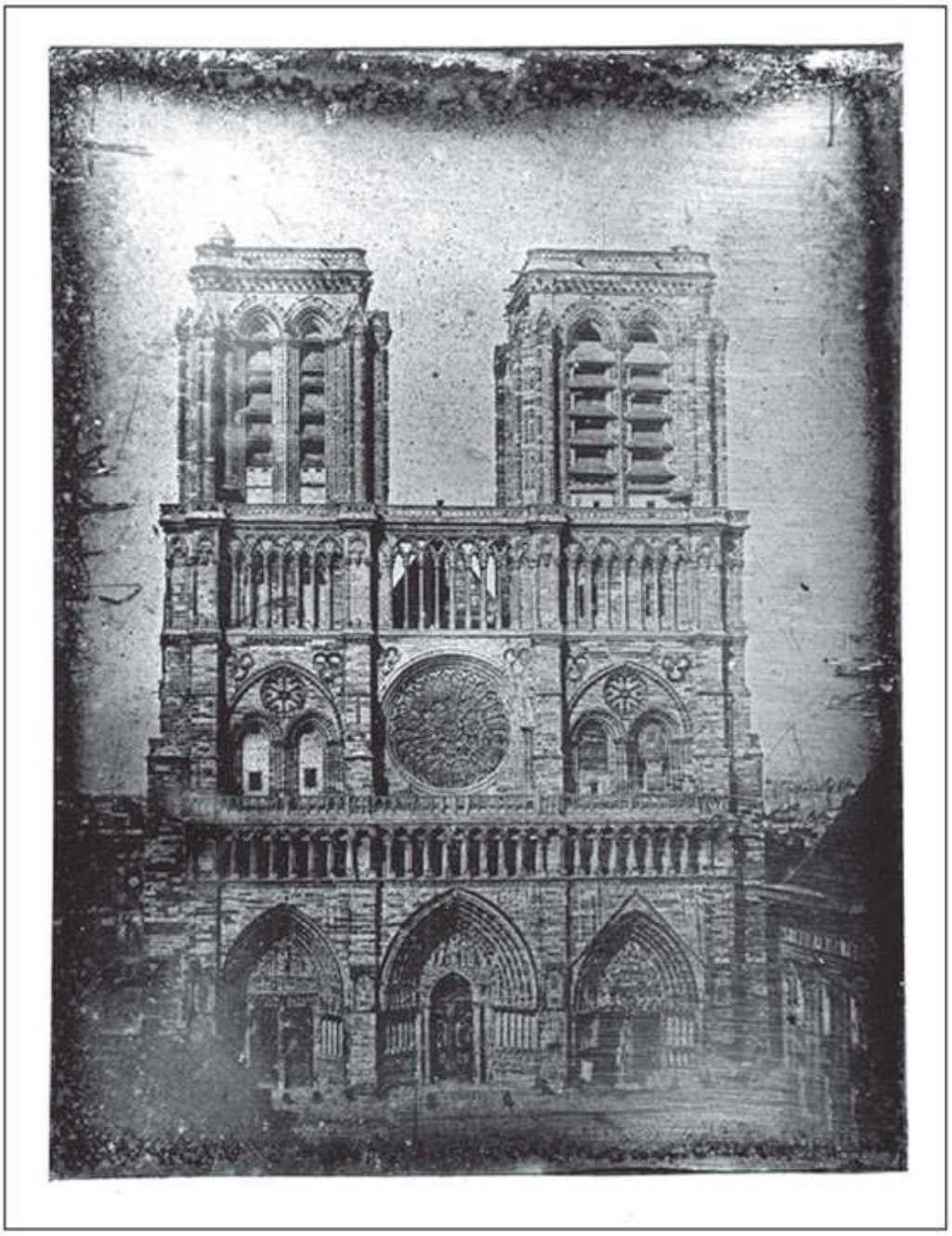
Eugène Viollet-le-Duc, "Esboço de uma mísula decorativa para a restauração da Notre-Dame de Paris", 1848

Ele também explorou a nova tecnologia da fotografia para fazer daguerreótipos.

Onde não havia mais nada além de espaço vazio, ele usou desenhos e fotografias de outras catedrais medievais para delinear substitutos. Projetou janelas góticas para o lugar dos vitrais medievais quebrados durante a revolução.

Substituiu os sinos que haviam sido derretidos para a fabricação de canhões durante a revolução. (O grande Emmanuel, por sorte, havia sobrevivido.) Na torre norte, instalou uma nova estrutura de madeira, mais forte – e, enquanto eu assistia, horrorizado, ao incêndio de 15 de abril de 2019, pensei ter visto fogo dentro dessa torre. Relatórios posteriores disseram que essas chamas foram extintas a tempo por bombeiros que,

corajosamente, arriscaram a vida para subir a torre.

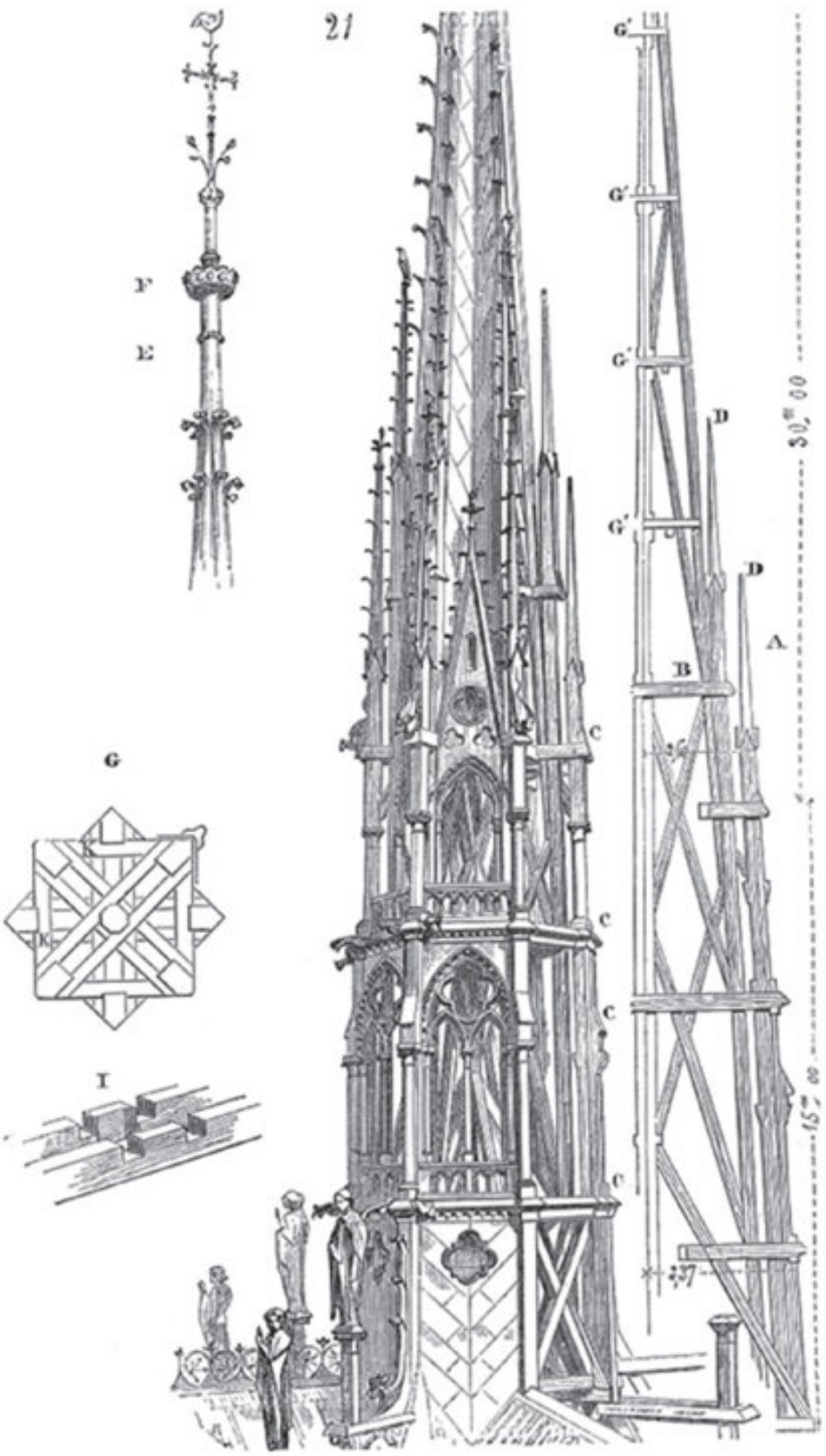


Daguerreótipo de Viollet-le-Duc retratando a fachada oeste da Notre-Dame

Viollet-le-Duc reuniu uma equipe de pedreiros, carpinteiros, escultores e vidraceiros habilidosos para reformar ou refazer a catedral danificada.

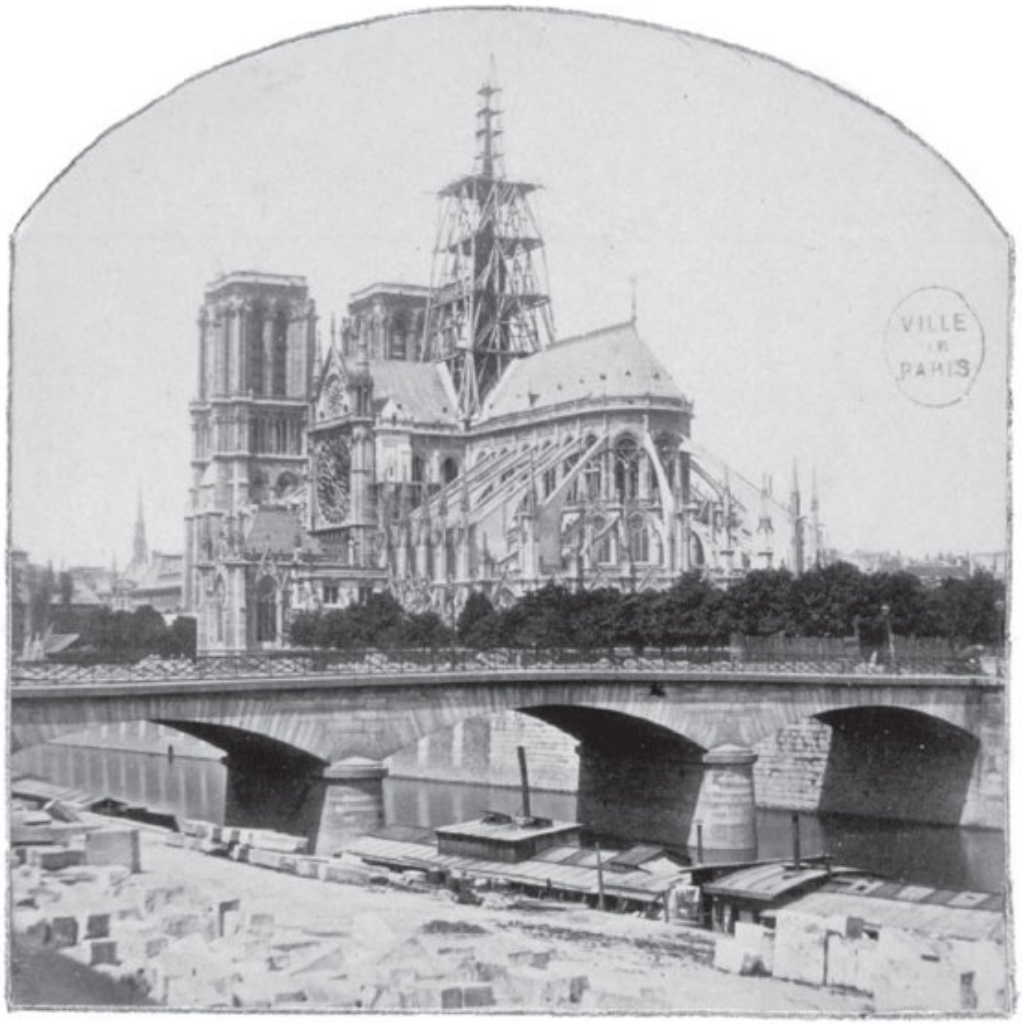
Seu objetivo era restaurar a aparência original da igreja, mas ele não

era meticuloso o bastante para satisfazer os críticos mais conservadores. Suas gárgulas não eram muito medievais, reclamavam, e as quimeras que ele criou para decorar o telhado não se assemelhavam a nenhum outro elemento da igreja. Dizia-se que o deambulatório e as capelas ali localizadas estavam ornamentados em excesso, uma falha inusitada de se apontar em uma catedral gótica, algo como dizer que um vestido de festa é bonito demais. E, aparentemente, a rosácea restaurada da fachada sul possui algumas figuras na ordem errada.


F
E
G
I
G'
G'
G'
G'
B
D
A
B
C
C
C
C
30m 00
15m 00
37

Pior de tudo, o novo pináculo era indiscutivelmente moderno.

A catedral medieval tinha uma torre central com um pináculo. Victor Hugo a descreveu como “uma encantadora torre do sino”, embora nunca a tivesse visto: ela foi desmontada antes de ele nascer. Ele escreveu expressando raiva do arquiteto que a removeu, mas havia grande probabilidade de que ela tivesse se tornado frágil e estivesse sob risco de desmoronar.



Pináculo da Notre-Dame em construção, por volta de 1860

Até onde sei, não há uma descrição confiável da torre original, apenas dois esboços. De qualquer forma, Viollet-le-Duc não tentou imitar uma torre medieval em seu projeto para a nova, e essa é a queixa que seus críticos fizeram com maior vigor. Em vez disso, ele usou como modelo uma torre similar recentemente adicionada à Catedral de Orléans. Na base havia imagens de três apóstolos, e dizia-se que o rosto de São Tomé olhando fixamente para o pináculo se parecia incrivelmente com o próprio Viollet-le-Duc.

As críticas não o afetaram. Ele passou o resto da vida sendo o principal especialista em seu campo. Foi consultado sobre o reparo e a reforma de dezenas de construções, e escreveu copiosamente sobre as teorias da arquitetura. Sua energia parecia não ter fim. Aos 60 anos, foi eleito para a câmara municipal de Paris. Morreu aos 65, depois de passar o verão caminhando nos Alpes.



A consagração da Notre-Dame após a restauração comandada por Eugène Viollet-le-Duc, 1864

5

1944

A capela de São José fica a meio caminho do lado sul da nave. Em 1944, havia ali uma estátua de José segurando o menino Jesus. Em 26 de agosto, na manhã seguinte à libertação de Paris, a missa foi rezada nessa capela, em inglês, por um sacerdote americano de óculos, o padre Leonard Fries, que vestia uma batina francesa emprestada.

A capela tem menos de 12 metros quadrados e, além da estátua, havia ali também um altar, mas mesmo assim a missa contou com a presença de trezentos homens, a maioria do 12º Regimento de Infantaria do Exército Norte-Americano, todos portando carabina ou fuzil e segurando seu capacete nas mãos. Eles se amontoavam pelo corredor e pela nave da enorme catedral. Enquanto o sol se erguia num céu sem nuvens e brilhava através dos vitrais da fachada leste, alguns dos homens que haviam libertado Paris se ajoelharam para lembrar os camaradas que tinham ficado para trás desde as praias da Normandia.

Foi a primeira missa daquele dia, mas depois haveria outra, muito maior. Pela manhã o rádio anunciara que o general Charles de Gaulle lideraria a marcha da vitória pela Champs-Élysées às duas da tarde e compareceria à missa de ação de graças para rezar o "Te Deum" às quatro e meia na Catedral de Notre-Dame.

De Gaulle tinha ocupado o posto de chefe do governo provisório francês no exílio e estava determinado a se tornar o novo líder do país libertado, mas seu direito a fazê-lo era discutível. Havia desavenças entre ele e os líderes da Resistência, que tinham permanecido em solo francês para combater os alemães enquanto ele foi morar no hotel Connaught, em Londres. Agora, De Gaulle estava determinado a tomar posse como presidente *de fato*. Quando Napoleão se coroou Imperador da França em 2 de dezembro de 1804, ele o fez na Notre-Dame. E De Gaulle sabia que, para passar uma imagem convincente de que era o novo governante francês, também era preciso fazê-lo naquela catedral.

Sua decisão unilateral de realizar uma marcha da vitória enfureceu os Aliados. Paris não estava inteiramente segura. Ainda havia soldados alemães na cidade. O general norte-americano Leonard Gerow havia ordenado à 2ª Divisão de Blindados do Exército francês que vigiasse os subúrbios a nordeste contra um possível contra-ataque alemão, mas lhe foi dito que De Gaulle, ignorando a cadeia de comando, tinha ordenado que a divisão comparecesse ao desfile.

De Gaulle conseguiu contornar tanto a Resistência quanto os Aliados e realizou seu desfile.

O general também não havia pedido a permissão de ninguém para realizar uma missa na catedral, mas o cardeal Emmanuel Suhard, arcebispo de Paris, seria só mais uma autoridade a cair de joelhos diante da irresistível força de vontade de De Gaulle.

Na mesma época, o general Alfred Jodl ligou da Alemanha para o Grupo de Exércitos B em Margival, na França, e pediu para falar com o marechal de campo Walter Model. O marechal de campo não estava no bunker, de modo que Jodl falou com o general Hans Speidel. Repassando ordens diretas do próprio Hitler, Jodl ordenou um ataque maciço de bombas voadoras a Paris naquela noite.

Speidel nunca passou a mensagem adiante. Uma semana depois, foi preso pela Gestapo.

De Gaulle estava atrasado para o desfile, mas ninguém se importou.

Ele chegou às 15h10 ao Arco do Triunfo. Agindo como se já fosse o chefe de Estado, acendeu a chama eterna e colocou uma coroa de gladíolos vermelhos sobre o Túmulo do Soldado Desconhecido. Depois, virou-se e observou a Champs-Élysées.

Milhares de parisienses, dezenas de jornalistas e várias câmeras esperavam por ele. Os espectadores lotavam as calçadas da ampla avenida, subiam nos castanheiros, se debruçavam nas janelas e varandas e até mesmo ficavam de pé nos telhados, balançando bandeiras e estandartes, por toda a sua extensão, até o Obelisco.

Um grupo de centenas de homens e mulheres abriu caminho pela multidão em indumentária do século XVII, as mulheres vestindo panos em vermelho, branco e azul e com os seios à mostra, como a deusa na pintura de Delacroix. Tendo expressado o que quer que quisessem expressar, eles logo desapareceram.

Antes de autorizar o início do desfile, De Gaulle deu mais uma instrução essencial: ordenou à comitiva que todos deveriam se certificar de estar pelo menos um passo atrás dele durante toda a marcha.

Então, indiscutivelmente o herói do momento, ele começou a marchar diante da procissão.

De Gaulle chegou à Place de la Concorde e estava se dirigindo para o Hotchkiss conversível – um carro de luxo de fabricação francesa – que o aguardava para levá-lo à Notre-Dame quando foram ouvidos tiros.

Milhares de espectadores se jogaram no chão ou se esconderam atrás dos veículos da 2ª Divisão de Blindados. Maqueiros, vestidos de branco, correram em direção à multidão à procura de vítimas.



Charles de Gaulle marchando pela Champs-Élysées em direção à Notre-Dame

Ninguém sabia quem havia feito os disparos. Provavelmente, atiradores alemães que permaneceram na cidade, mas poderiam ter sido os combatentes da Resistência, com raiva por não estarem liderando o desfile, ou os comunistas, que se opunham à posse de De Gaulle.

De Gaulle permaneceu inabalável: não se abaixou nem se escondeu, nem sequer interrompeu seu imponente progresso. Ele poderia facilmente ter sido assassinado, e sem dúvida estava preparado para arriscar a vida naquele momento crucial tanto para sua carreira quanto para a história da França. Ele subiu no carro aberto, ordenou que o motorista seguisse e se sentou, acenando para a multidão, desprotegido, por todo o caminho até a Île de la Cité.

Era uma obra-prima do teatro político. Destemido, íntegro e obstinado – e com 1,95 metro de altura –, ele tinha a aparência perfeita do homem

que impulsionaria a recuperação da França no pós-guerra. Filmes e fotos de sua performance se espalharam por todo o mundo em questão de horas.

Quando chegou em frente à Catedral de Notre-Dame, foram ouvidos mais tiros. Havia franco-atiradores dentro da torre norte.

Em resposta, os soldados franceses da 2ª Divisão de Blindados metralharam a torre e o telhado, fazendo voar fragmentos de calcário das estátuas tão cuidadosamente restauradas por Viollet-le-Duc. De Gaulle, despreocupado, saiu do carro e recebeu um buquê de flores vermelhas, brancas e azuis de uma menininha assustada, mas corajosa. A seguir, adentrou a igreja pelo Portal do Julgamento.

A maior parte dos presentes se jogou no chão quando se ouviram tiros na nave. "O que se via eram mais traseiros do que rostos", diria mais tarde um observador. De Gaulle não alterou seu ritmo. Seu assento ficava 30 metros nave adentro, e ele percorreu toda a distância a passos majestosamente lentos.

Quando chegou ao seu lugar, o general Marie-Pierre Koenig, comandante das Forças Francesas do Interior, berrou aos presentes: "Todos de pé!"

O padre entoou o verso de abertura do Magnificat: "Minh'alma glorifica o Senhor."

E então a nave ecoou o som do povo parisiense cantando.

6

1989

Todos os anos, milhões de pessoas visitam a Notre-Dame e outras catedrais. Elas são as mais antigas construções do noroeste da Europa. Há construções ainda mais antigas em outros lugares – ruínas romanas, templos gregos, pirâmides egípcias –, mas acredito que as nossas catedrais sejam as mais antigas construções ainda usadas para o seu propósito original.

Catedrais sempre atraíram turistas. Os visitantes de hoje vêm não apenas da Europa, mas de culturas bem distintas, incluindo Japão, Estados Unidos e Índia. Quando todos esses visitantes olham para nossas catedrais, o que eles pensam?

Normalmente, o primeiro vislumbre ocorre de longe. Assim como ocorre com a Catedral de Chartres, as torres irrompem no horizonte quando ainda estamos a quilômetros de distância. Os visitantes medievais deviam ficar impressionados com a visão, como se esperava que ocorresse.

Nossa segunda reação, à medida que nos aproximamos, geralmente é de perplexidade. Parece complicado demais para ser compreendido. É um pouco como a primeira vez que você ouve uma sinfonia de Beethoven. Existem tantos ritmos, melodias, instrumentos e harmonias que, a

princípio, você não consegue entender como isso tudo está conectado e interligado. É difícil enxergar a lógica por trás. Uma catedral, assim como uma sinfonia, tem um plano coerente, suas janelas e arcos formam ritmos, suas decorações têm temas e contam histórias, mas o todo é tão suntuoso que, à primeira vista, nos deixa sem palavras.

Quando entramos, no entanto, isso muda. A maioria das pessoas experimenta uma sensação de tranquilidade. O ar frio, as pedras antigas, os padrões arquitetônicos e o modo como a construção inteira parece buscar os céus, tudo isso contribui para apaziguar a alma humana.

A primeira coisa que a maioria de nós faz dentro da catedral é comprar um guia. Muitas vezes eles nos contam que o ponto era um local de culto antes mesmo de o cristianismo ser inventado. A Notre-Dame fica onde antes havia um templo do deus romano Júpiter.

Muitas vezes ficamos sabendo que a igreja não foi construída de uma só vez, ao contrário dos arranha-céus e shopping centers modernos. Podemos descobrir que os primeiros cristãos tinham uma igreja de madeira, da qual nada restou. A Notre-Dame é a quinta igreja erguida naquele local. Muitas vezes, a construção da igreja da vez começou após um incêndio na anterior. Em algumas ocasiões, a diocese ficou sem dinheiro e as obras foram interrompidas por cem anos.

Ao final de uma visita a uma catedral, se tivermos sorte, não mais nos sentimos confusos. Aprendemos um pouco do processo gradual ao longo do qual a igreja foi construída. Passamos a ver os arcos e as janelas tanto como soluções para problemas técnicos quanto como ornamentos. Talvez tenhamos começado a elucidar a iconografia, o processo de interpretação pelo qual estátuas anônimas de anjos e santos aparentemente semelhantes se transformam em histórias da Bíblia. Compreender os agrupamentos de estátuas sobre um portal é como decifrar uma imagem de Picasso. Dizemos: “Ah, claro, deve ser Santo Estêvão”, assim como, depois de estudar um Picasso por um tempo, podemos dizer: “Claro, ali está o cotovelo dela, despontando da cabeça.”

Mas ficamos com ainda mais perguntas.

Os leitores às vezes me perguntam: como você sabe tanto sobre os operários medievais? Algumas de nossas informações vêm de imagens. Quando os artistas daquela época faziam ilustrações para a Bíblia, muitas vezes retratavam a Torre de Babel. A história, presente no livro do Gênesis, conta que os homens decidiram construir uma torre que chegasse aos céus e a arrogância deles desagradou a Deus, que os fez falarem todos diferentes idiomas. Assim, por conta da consequente confusão, o projeto foi abandonado. Essas ilustrações, que mostram pedreiros e fabricantes de argamassa, andaimes e guindastes, fornecem muitas pistas sobre como eram os canteiros de obras medievais.

Outras fontes de informação sobre os operários das catedrais incluem contratos sobreviventes entre a diocese e os construtores, por exemplo, e registros dos pagamentos. Um dos livros que me inspirou a escrever *Os pilares da Terra* foi *Les Bâtisseurs* de *cathédrales*, de Jean Gimpel, que mencionei anteriormente. Quando comecei a trabalhar no *Pilares*, decidi entrar em contato com Gimpel e pedir a ele que fosse consultor histórico do meu livro. Eu sabia que os Gimpels eram uma famosa família francesa de negociantes de arte e presumi que ele morava em Paris. No entanto, ele não apenas morava em Londres como morava na mesma rua que eu. Ele concordou em ser um dos meus consultores e tudo que pediu em troca foi uma caixa de garrafas de champanhe. Nós nos tornamos amigos e adversários no tênis de mesa, e ele me vencia toda semana.

Quando comecei a escrever o *Pilares*, em janeiro de 1986, eu queria entender por mim mesmo e explicar para os leitores como e por que as catedrais medievais foram construídas e por que elas têm a aparência que têm. Espero que o livro mostre como a construção de uma catedral serviu aos diferentes interesses de cada grupo de poder da sociedade medieval: monarquia, aristocracia, clero, comerciantes, citadinos e camponeses.

Em março de 1989, escrevi “Fim” na última página de *Os pilares da Terra*. Levei três anos e três meses para escrevê-lo, e o vinha planejando havia muito mais tempo.

Não fui o primeiro autor a se inspirar nas catedrais. Victor Hugo foi o

maior de todos, na minha opinião. Anthony Trollope fez da fictícia Catedral de Barchester o centro de uma série de seis romances, *The Chronicles of Barsetshire* (As crônicas de Barsetshire). William Golding ganhou o Prêmio Nobel pelo conjunto de sua obra, que incluía *O pináculo*, uma vertiginosa história da obsessão de um padre pela construção de um pináculo de 120 metros de altura no topo de uma catedral que não possuía fundações adequadas. T. S. Eliot escreveu uma peça em versos, *Assassínio na catedral*, sobre o assassinato, em 1170, de Thomas Becket, arcebispo da Cantuária. Raymond Carver escreveu um conto chamado "Catedral", sobre um cego que projeta uma, e Nelson de Mille escreveu um thriller de mesmo nome sobre o sequestro da Catedral de St. Patrick, na Quinta Avenida, em Nova York, pelo IRA.

Cada um de nós ficou extasiado com um aspecto diferente. Vi a construção da catedral como o tipo de empreendimento comunitário que toma conta do imaginário de uma sociedade inteira. Uma catedral é uma obra de arte, mas a ideia nunca pertence a uma só pessoa. Embora sempre houvesse um mestre de obras que traçasse o projeto básico, para fazer os detalhes ele dependia do trabalho de um pequeno exército de artistas e artesãos, todos com seus talentos individuais e usando a própria imaginação. De certa forma, ele era como o produtor de um filme, que administra atores, roteiristas, cenógrafos, figurinistas, maquiadores e especialistas em iluminação, e tenta fazer com que cada um deles dê o melhor que sua genialidade pode oferecer. Para mim, uma catedral é a expressão do que as pessoas são capazes de alcançar quando trabalham em conjunto.

Além disso, uma obra de arte como essa jamais seria concluída sem o trabalho de milhares de pessoas. Foi a conquista de uma comunidade inteira. No *Pilares*, escrevi sobre como a construção da catedral atraiu pessoas de todos os setores da sociedade medieval: não apenas o clero, mas aristocratas, homens de negócios, moradores da cidade e donos de terra. Eles deram apoio e dinheiro, muito dinheiro. Todos se beneficiaram. Empregos foram criados, o comércio se fortaleceu, os mercados

cresceram, a migração internacional foi estimulada e novas tecnologias estavam sendo constantemente inventadas e disseminadas. No meu livro, aqueles que se opõem à construção o fazem apenas porque querem que ela seja feita em outro lugar.

Anteriormente comparei a construção de uma catedral a uma missão espacial. Ela envolvia a sociedade inteira da mesma forma, desenvolvia tecnologias de ponta, trazia amplos benefícios econômicos – e, apesar disso, quando somamos todas as razões pragmáticas, elas não bastam para explicar por que fizemos aquilo. Há um outro elemento, que é o espiritual, a necessidade humana de buscar algo além da vida material. Quando você percebe como cada grupo em Kingsbridge está atendendo aos próprios interesses, ainda assim não está vendo o cenário completo. O romance explica que aquilo também foi feito para a glória de Deus.

Pouco tempo atrás, eu estava no telhado da Catedral de Peterborough. Alguns dos pináculos foram substituídos na década de 1950 e notei que os novos eram grosseiros, careciam de ornamentação, quando comparados aos elementos de estilo medieval ultradetalhados bem ao lado deles. A diferença não era perceptível para quem olhava do chão, e evidentemente os artesãos da década de 1950 achavam que não fazia sentido esculpir detalhes que ninguém poderia ver. Os construtores medievais teriam discordado. Eles fizeram as partes menos visíveis com o mesmo esmero que dedicaram às que ficavam à vista do público, porque, afinal, Deus podia vê-las.

Um jornalista uma vez me perguntou: "Você não odeia todos aqueles turistas de bermuda carregando câmeras?" Não. Catedrais sempre foram cheias de turistas. Na Idade Média, eles não eram chamados de turistas, e sim de peregrinos, mas viajavam pelas mesmas razões: para ver o mundo e suas maravilhas, expandir a mente, educar-se e, talvez, entrar em contato com algo milagroso, sobrenatural, eterno.

Eu acredito que o sucesso de um romance se mede pela intensidade com que toca o coração do leitor. E algo semelhante pode ser dito das obras de arte. Isso sem dúvida é verdade para as catedrais. Nossos

encontros com elas são repletos de emoções. Quando as vemos, ficamos impressionados. Ao entrarmos nelas, somos arrebatados por sua graça e sua luz. Quando nos sentamos em silêncio, somos tomados por uma sensação de paz.

E, quando uma delas queima, choramos.

Escrito de 19 a 26 de abril de 2019
em Knebworth, Inglaterra

Agradecimentos

O primeiro rascunho deste ensaio foi lido e comentado por John Clare, Barbara Follett e *l'équipe française* – Cécile Boyer-Runge, Claire Do Sêrro, Maggie Doyle e Marine Alata, da Éditions Robert Laffont. Sou muito grato a todos eles.

Agradecimentos das imagens

Página 16 © Program33/France.TV/*The Secrets of the Builders: Notre-Dame*, de Emmanuel Blanchard

Página 18 *Santo Bispo*, c. 1425, de Fra Angelico, Convento de San Domenico, Fiesole, Itália © Metropolitan Museum of Art, Nova York, USA/Bridgeman Images

Páginas 30-31 © AKG Images/De Agostini/Biblioteca Ambrosiana

Página 34 *A Liberdade guiando o povo*, 28 de julho de 1830, c. 1830–31, de Eugène Delacroix © Louvre-Lens, France/Bridgeman Images

Página 37 © Carole Rabourdin/Biblioteca da Casa de Victor Hugo/Roger-Viollet

Página 46 © Franck/Tallandier/Bridgeman Images

Página 48 Acervo particular do autor

Página 49 © History of Science Museum, Broad Street, Oxford, Inglaterra

Página 51 Acervo particular do autor

Página 52 © Musée Carnavalet/Roger-Viollet

Páginas 54-55 © Granger/Bridgeman Images

Página 61 © Acervo do Imperial War Museum

Agradecimentos das traduções

Trechos de *O corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo:
tradução de Jorge Bastos (Zahar, 2013)

Trechos de *Os pilares da Terra*:
tradução de Fernanda Abreu (Arqueiro, 2016)

LEIA UM TRECHO
DO PRÓXIMO LIVRO DO AUTOR

O CREPÚSCULO
E A AURORA

~

Capítulo 1

Quinta-feira, 17 de junho de 997

Era difícil passar a noite inteira acordado, constatou Edgar, até mesmo na noite mais importante da sua vida.

Ele havia estendido sua capa sobre os juncos que cobriam o chão e estava deitado em cima dela, com a túnica de lã marrom, que vestia dia e noite durante o verão, na altura dos joelhos. No inverno, ele se enrolava na capa e ia se deitar perto do fogo. Mas agora estava calor: faltava uma semana para o solstício de verão.

Edgar sempre sabia as datas. A maioria das pessoas precisava perguntar aos padres, que eram quem tinha os calendários. Erman, seu irmão mais velho, certo dia lhe perguntara: "Como você sabe quando é a Páscoa?", e ele respondera: "Cai sempre no primeiro domingo depois da primeira lua cheia depois do dia 21 de março, óbvio." Fora um erro acrescentar o "óbvio", porque Erman lhe tascara um soco no estômago pelo sarcasmo. Isso acontecera muito tempo antes, quando Edgar ainda era pequeno. Agora ele era um homem feito. Faria 18 anos três dias depois do solstício. Os irmãos nem batiam mais nele.

Balançou a cabeça. Pensamentos aleatórios o faziam cochilar. Para

ficar acordado, tentou adotar uma posição desconfortável deitando-se sobre os punhos fechados.

Perguntou-se quanto tempo mais teria que esperar.

Virou a cabeça e olhou ao seu redor à luz do fogo. Sua casa se parecia com quase todas as outras da cidadezinha de Combe: paredes de tábuas de carvalho, telhado de sapê, chão de terra batida parcialmente coberto por juncos de um rio próximo. Não havia janelas. No meio do único cômodo ficava um quadrado de pedras sobre o qual se acendia o fogo. Acima do fogo ficava um tripé em que se penduravam panelas e cuja sombra, na parte interna do telhado, parecia uma aranha gigante. Espalhados por todas as paredes havia pregos de madeira para pendurar roupas, utensílios de cozinha e ferramentas usadas na construção de barcos.

Edgar não sabia ao certo quanto da noite já havia transcorrido, porque talvez tivesse cochilado, quem sabe mais de uma vez. Mais cedo, ficara escutando os ruídos da cidade se preparando para a noite: dois bêbados cantando uma canção obscena, a amarga troca de acusações entre marido e mulher numa das casas vizinhas, uma porta batendo e um cão latindo, e em algum lugar próximo uma mulher soluçando. Agora tudo que havia era o acalanto suave das ondas numa praia protegida. Olhou para a porta à procura de luz que lhe desse alguma informação, mas tudo que viu foi escuridão. Isso significava ou que a lua tinha se posto, estando a noite já bem avançada, ou que o céu estava nublado, o que não queria dizer nada.

A família se espalhava pelo cômodo, dormindo perto das paredes, onde a quantidade de fumaça era menor. Pa e Ma estavam de costas um para o outro. Às vezes eles acordavam no meio da noite, se abraçavam e começavam a sussurrar e a se mover juntos até relaxarem outra vez, ofegantes; agora, porém, estavam num sono profundo e Pa roncava. Erman, aos 20 anos, o irmão mais velho de Edgar, estava ao seu lado e Eadbald, o irmão do meio, no canto. Edgar podia ouvir sua respiração regular e tranquila.

Por fim o sino da igreja badalou.

Do outro lado da cidade havia um mosteiro. Os monges tinham um

jeito próprio de contar as horas à noite: fabricavam grandes velas graduadas que iam medindo o tempo conforme se consumiam. Uma hora antes do amanhecer, eles tocavam o sino e acordavam para entoar seu cântico de matinas.

Edgar se demorou mais um pouco deitado. O sino podia ter incomodado Ma, que tinha o sono leve. Ele lhe deu tempo para dormir outra vez, então, por fim, levantou-se.

Em silêncio, pegou sua capa, seus sapatos e seu cinto, onde prendeu a adaga embainhada. Descalço, atravessou a casa se desviando dos móveis: uma mesa, dois banquinhos e um banco mais comprido. A porta se abriu sem fazer barulho: ele engraxara as dobradiças de madeira na véspera com uma quantidade generosa de sebo de ovelha.

Se alguém da família acordasse e falasse com ele, Edgar diria que estava saindo para urinar, torcendo para que ninguém reparasse que levava consigo os sapatos.

Eadbald grunhiu. Edgar gelou. Teria o irmão acordado ou apenas feito um barulho inconsciente? Não soube dizer. Mas Eadbald era o mais passivo, sempre disposto a evitar conflitos, como Pa. Não iria criar problemas.

Edgar saiu e fechou a porta atrás de si com cuidado.

A lua havia se posto, mas o céu estava claro e as estrelas iluminavam a praia. Entre a casa e a linha da maré alta ficava um estaleiro. Pa construía barcos, e os três filhos trabalhavam com ele. Como ele era um bom artesão mas um mau comerciante, quem tomava todas as decisões financeiras era Ma, principalmente o difícil cálculo do preço a cobrar por algo tão complexo quanto um barco ou navio. Se algum comprador tentava barganhar, Pa se mostrava disposto a ceder, mas Ma o obrigava a fincar pé.

Edgar ficou olhando para o estaleiro enquanto amarrava o cadarço dos sapatos e afivelava o cinto. Havia apenas uma embarcação sendo construída, um barco pequeno para subir o rio a remo. Ao seu lado estava empilhado um valioso estoque de madeira na forma de troncos partidos ao

meio e em quartos, prontos para serem moldados nas diferentes partes de um barco. Mais ou menos uma vez por mês, a família inteira entrava na floresta e derrubava um carvalho maduro. Pa e Edgar brandiam alternadamente dois machados de cabo longo e começavam cortando um V preciso no tronco. Então descansavam, e Erman e Eadbald assumiam. Quando a árvore vinha abaixo, eles aparavam os galhos menores e faziam o tronco flutuar rio abaixo até Combe. Tinham que pagar, claro: a floresta pertencia a Wigelm, o proprietário de terras para quem a maioria da população da cidade pagava aluguel, e ele cobrava 12 *pennies* de prata por árvore.

Além da pilha de madeira, havia um barril de piche, uma corda enrolada e uma pedra de amolar. Tudo era protegido por um mastim preto de focinho cinza chamado Grendel, que ficava acorrentado e estava velho demais para causar muitos danos a um ladrão, mas ainda era capaz de latir dando o alarme. O cão agora estava quieto e observava Edgar sem curiosidade com a cabeça apoiada nas patas dianteiras. Ele se ajoelhou e afagou sua cabeça.

– Adeus, cachorro velho – murmurou, e Grendel abanou o rabo sem se levantar.

No estaleiro havia também uma embarcação que Edgar considerava de sua propriedade. Ele mesmo a construíra com base num projeto original inspirado por um navio viking. Na verdade nunca tinha visto um viking – os vikings não atacaram Combe depois que ele nascera –, mas dois anos antes uma embarcação desse povo havia encalhado na praia, vazia e enegrecida pelo fogo, com o dragão da proa parcialmente destruído, decerto após alguma batalha. Aquela beleza mutilada o tinha deixado fascinado: as curvas graciosas, a proa comprida e sinuosa, o casco estreito. O que mais o impressionara havia sido a grande quilha protuberante que percorria o barco de fora a fora e que – conforme ele concluíra após pensar um pouco – proporcionava a estabilidade que permitia aos vikings cruzar os mares. O barco de Edgar era uma versão menor, com dois remos e uma pequena vela quadrada.

Ele sabia que tinha talento. Já era um construtor de barcos melhor do que os irmãos mais velhos e em pouco tempo iria superar Pa. Possuía uma compreensão intuitiva de como as formas se encaixavam para compor uma estrutura estável. Anos antes, ouvira Pa dizer a Ma: "Erman aprende devagar e Eadbald aprende depressa, mas Edgar parece aprender antes de as palavras saírem da minha boca." Era verdade. Alguns homens podiam pegar um instrumento que nunca haviam tocado, uma flauta ou uma lira, e em poucos minutos extrair dele uma melodia. Edgar tinha esse instinto em relação a embarcações – e a casas também. Ele costumava dizer: "Esse barco vai puxar para estibordo" ou então "Esse telhado vai vazar", e sempre tinha razão.

Desamarrou o barco e o empurrou praia abaixo. O barulho do casco arrastando na areia foi abafado pelo murmúrio das ondas quebrando na praia.

Levou um susto com uma risada feminina. À luz das estrelas, viu uma mulher nua deitada na areia e por cima dela um homem. Edgar provavelmente os conhecia, mas, como não dava para ver com nitidez o rosto deles, desviou os olhos depressa, sem querer reconhecê-los. Imaginou que os tivesse flagrado num encontro ilícito. A mulher parecia jovem e o homem talvez fosse casado. O clero pregava contra esse tipo de relação, mas as pessoas nem sempre seguiam as regras. Ele ignorou o casal e empurrou seu barco para dentro da água.

Olhou para trás em direção à casa e sentiu uma pontada de arrependimento, pensando se um dia tornaria a vê-la. Era o único lar de que tinha lembrança. Sabia, por terem lhe contado, que ele nascera em outra cidade, Exeter, onde seu pai trabalhava para um mestre construtor de barcos; depois, quando Edgar ainda era bebê, a família tinha se mudado e ido morar em Combe, onde Pa abrira o próprio negócio com a encomenda de um barco a remo. Mas ele não se lembrava de nada disso. Aquele era o único lar que conhecia, e o estava abandonando para sempre.

Tivera a sorte de ter conseguido trabalho em outro lugar. Os negócios haviam sofrido uma queda desde a retomada dos ataques vikings ao sul da

Inglaterra, quando ele estava com 9 anos. Com os invasores tão próximos, o comércio e a pesca eram perigosos. Só os corajosos compravam barcos.

À luz das estrelas, ele pôde ver três embarcações no porto: dois barcos de pesca de arenque e um navio mercante franco. Na praia havia um punhado de embarcações menores, tanto fluviais quanto costeiras. Ele tinha ajudado a construir um dos pesqueiros, mas podia recordar uma época em que sempre havia uma dúzia ou mais de embarcações no porto.

Sentiu uma leve brisa soprar do sudoeste, o vento predominante ali. Seu barco tinha uma vela – pequena, pois velas custavam caro: uma mulher demorava quatro anos para fabricar a vela inteiriça de um barco capaz de singrar o mar. Não valia a pena desfraldar sua vela para o curto trajeto até o outro lado da baía. Edgar começou a remar, algo que mal o deixava cansado. Era muito musculoso, como um ferreiro. Seu pai e seus irmãos também. Os quatro passavam o dia inteiro, seis dias por semana, manejando o machado, a enxó e a broca para moldar as placas de madeira que formariam os cascos das embarcações. Um trabalho duro, que fazia homens fortes suar.

Edgar se animou. Conseguira partir. E estava indo ao encontro da mulher amada. As estrelas brilhavam, a praia branca reluzia e, quando seus remos rompiam a superfície do mar, a espuma que se encrespava parecia os cabelos dela a cair pelos ombros.

Seu nome era Sungifu, geralmente abreviado para Sunni, e era excepcional sob todos os aspectos.

Ele podia ver as construções à beira-mar, a maioria oficinas de pescadores e comerciantes: a oficina de um funileiro que fabricava objetos à prova de ferrugem para embarcações; o pátio comprido onde um cordoeiro tecia suas cordas; e a imensa fornalha de um fabricante de piche que assava toras de pinheiro para produzir o líquido pegajoso com o qual os construtores de barcos calafetavam suas naus. A cidade sempre parecia maior quando vista do mar: tinha centenas de moradores, e a maioria tirava seu sustento, direta ou indiretamente, do mar.

Olhou para o seu destino do outro lado da baía. No escuro, não teria

conseguido ver Sunni nem se ela estivesse na praia, e ele sabia que não estava, já que os dois tinham combinado de se encontrar ao raiar do dia. Mas não pôde evitar olhar para o ponto onde em breve ela o esperaria.

Sunni tinha 21 anos, praticamente três anos mais velha do que Edgar. Certo dia, quando ele estava sentado na praia observando o barco viking naufragado, ela lhe chamara a atenção. Já a conhecia de vista, claro – conhecia todos os moradores da pequena cidade –, mas nunca tinha reparado nela especificamente, nem recordava qualquer coisa relacionada à sua família. "Você naufragou na praia junto com o barco?", perguntara ela. "Estava tão imóvel que pensei que você fazia parte dos destroços." Ela devia ter muita imaginação, ele logo percebeu, para dizer uma coisa assim, do nada. Ele então lhe explicara que o desenho da embarcação o deixava fascinado, sentindo que ela iria entender. Os dois passaram uma hora conversando e ele tinha se apaixonado.

Foi quando ela contou que era casada, mas já era tarde demais.

Seu marido, Cyneric, tinha 30 anos. Ela se casara com ele aos 14. Ele tinha um pequeno rebanho de vacas leiteiras e Sunni administrava a leiteria. Era astuta e ganhava muito dinheiro para o marido. O casal não tinha filhos.

Edgar logo descobriu que Sunni detestava Cyneric. Todas as noites, depois da ordenha da tarde, ele ia a uma taberna chamada Os Marinheiros se embebedar. Enquanto o marido ficava lá, Sunni podia ir à floresta encontrar Edgar.

Entretanto, de agora em diante eles não iriam mais se esconder. Nesse dia eles fugiriam juntos, ou, para ser mais exato, zarpariam juntos. Edgar tinha recebido uma proposta de emprego e moradia numa aldeia de pescadores naquele mesmo litoral, a 80 quilômetros de distância. Tivera sorte de encontrar um construtor de barcos disposto a contratá-lo. Edgar não tinha dinheiro – nunca tivera, Ma dizia que ele não precisava –, mas guardara suas ferramentas num compartimento interno do barco. Eles iriam começar uma vida nova.

Assim que todos se dessem conta da fuga, Cyneric se consideraria livre

para tornar a se casar. Na prática, uma esposa que ia embora com outro homem estava se divorciando: a Igreja podia não gostar, mas esse era o costume. Dali a poucas semanas, disse Sunni, Cyneric visitaria o interior e encontraria uma família paupérrima com uma filha bonita de 14 anos. Edgar se perguntou por que o homem precisava tanto de uma esposa, já que, segundo Sunni, ele pouco se interessava por sexo. "Ele gosta de ter alguém em quem mandar", respondera ela. "O problema é que agora eu tenho idade suficiente para menosprezá-lo."

Cyneric não correria atrás deles nem se descobrisse onde estavam, o que era improvável, pelo menos por algum tempo. "E, se estivermos errados e Cyneric nos encontrar, eu dou uma surra nele", dissera Edgar. Sunni fez uma expressão informando a ele que considerava uma tolice se gabar assim, e ele sabia que ela estava certa. "Mas provavelmente não vai chegar a esse ponto", acrescentara ele às pressas.

Ao chegar ao outro lado da baía, ele puxou o barco pela areia e o amarrou num rochedo.

Podia escutar os cânticos das preces dos monges. O mosteiro ficava ali perto, e a casa de Cyneric e Sunni, poucas centenas de metros depois.

Sentou-se na areia e ficou olhando para o mar escuro e para o céu noturno, pensando nela. Será que Sunni conseguiria sair de casa com a mesma facilidade que ele? E se Cyneric acordasse e tentasse impedi-la? Talvez eles brigassem e ele batesse nela. Teve a súbita tentação de mudar o plano, levantar-se da praia e ir até a casa de Sunni para buscá-la.

Edgar reprimiu com esforço o impulso. Ela se sairia melhor sozinha. Cyneric estaria dormindo um sono de bêbado, e Sunni poderia se mover como um gato. Planejara ir para a cama usando a única joia que possuía, um medalhão de prata intricadamente esculpido pendurado num cordão de couro. No bolso do cinto levaria agulha e linha, sempre úteis, e a faixa de linho bordado que usava nos cabelos em ocasiões especiais. Assim como Edgar, poderia sair de casa em poucos silenciosos segundos.

Em breve ela estaria ali, os olhos luzindo de animação, o corpo ágil ávido pelo seu. Os dois se abraçariam, se apertariam com força e se

beijariam apaixonadamente. Então ela subiria no barco e eles ganhariam o mar em direção à liberdade. Edgar remaria um pouco, pensou, depois a beijaria outra vez. Em quanto tempo poderiam fazer amor? Sunni devia estar tão impaciente quanto Edgar. Ele poderia remar até rodear o cabo, depois lançar a pedra amarrada numa corda que usava como âncora, e os dois se deitariam no barco, debaixo dos bancos. Seria um pouco desconfortável, mas o que importava? O barco se balançaria suavemente nas ondas e eles sentiriam o calor do sol nascente sobre a pele nua.

Mas talvez fosse mais sensato desfraldar a vela e se distanciar mais da cidade antes de se arriscar a parar. Quando o dia chegasse, ele queria estar bem longe. Seria difícil resistir à tentação com ela tão perto, olhando para ele e sorrindo feliz. No entanto, garantir o seu futuro era mais importante.

Quando chegassem à nova casa, eles contariam a todos que já eram casados, decidiram. Até então nunca haviam passado uma noite na cama. Daquele dia em diante, jantariam juntos, passariam a noite inteira um nos braços do outro e trocariam um sorriso cúmplice pela manhã.

Edgar viu uma luz no horizonte. A aurora estava prestes a irromper. Ela iria chegar a qualquer momento.

Só se sentia triste ao pensar na família. Poderia viver feliz sem os irmãos, que ainda o tratavam feito um menino bobo e tentavam fingir que ele não tinha crescido e ficado mais inteligente do que eles. Sentiria falta de Pa, que durante toda a sua vida tinha lhe dito coisas que ele jamais esqueceria, como: “Por mais que você una bem duas tábuas, a emenda vai ser sempre a parte mais fraca.” E pensar em ir embora sem Ma o deixava com lágrimas nos olhos. Ela era uma mulher forte. Quando as coisas davam errado, não perdia tempo se lamentando sobre a falta de sorte, mas tomava providências para consertar a situação. Três anos antes, Pa caíra doente com uma febre e quase morrera. Ma assumira o controle dos negócios até ele se recuperar – dizia aos três rapazes o que fazer, cobrava dívidas, garantia que os clientes não cancelassem encomendas. Ma era uma líder, e não só da família. Pa era um dos doze membros do conselho de Combe, mas fora Ma quem havia liderado os protestos dos moradores

quando Wigelm, o proprietário de terras, tentara subir o preço dos aluguéis.

Pensar em ir embora seria insuportável não fosse a feliz perspectiva de um futuro com Sunni.

À luz fraca, Edgar viu algo estranho na água. Tinha boa visão e estava acostumado a identificar embarcações ao longe, a distinguir o formato de um casco do de uma onda gigante ou de uma nuvem baixa, mas agora não tinha certeza do que estava vendo. Esforçou-se para escutar qualquer ruído distante, mas tudo que captou foi o barulho das ondas quebrando bem na sua frente.

Após alguns instantes, teve a impressão de ver a cabeça de um monstro e um arrepio de pavor o percorreu. Diante da iminente claridade do céu, pensou ver orelhas pontudas, uma imensa mandíbula e um pescoço comprido.

Um momento depois, deu-se conta de que estava encarando algo ainda pior do que um monstro: um navio viking, com uma cabeça de dragão na ponta da longa proa curva.

Então um segundo navio surgiu, e um terceiro e logo um quarto. As velas estavam retesadas pelo vento sudoeste que ia ganhando força e as embarcações leves avançavam depressa pelas ondas. Edgar se pôs de pé com um pulo.

Os vikings eram ladrões, estupradores e assassinos. Atacavam no litoral e nas margens dos rios. Incendiavam cidades, roubavam tudo que conseguiam carregar e matavam todos, exceto homens e mulheres jovens, que capturavam para vender como escravos.

Edgar ainda hesitou um pouco.

Agora podia ver dez navios. Isso significava no mínimo quinhentos vikings.

Eram mesmo navios vikings? Outros construtores haviam adotado suas inovações e copiado seus projetos, como o próprio Edgar fizera. No entanto, ele conseguia enxergar a diferença: havia nas embarcações escandinavas uma ameaça contida que nenhum imitador seria capaz de

reproduzir.

De toda forma, quem mais estaria se aproximando com um contingente assim ao raiar do dia? Não, não restava dúvida.

O inferno estava chegando a Combe.

Ele precisava alertar Sunni. Se conseguisse alcançá-la a tempo, os dois ainda poderiam fugir.

Culpado, percebeu que seus pensamentos foram primeiro para ela, e não para a família. Precisava avisá-los também. Mas eles estavam do outro lado da cidade. Iria encontrar Sunni primeiro.

Virou-se e correu ao longo da praia, estreitando os olhos para o caminho à frente em busca de obstáculos ocultos. Um minuto depois, parou e olhou para a baía. Ficou horrorizado ao ver como os vikings se aproximavam depressa. Tochas acesas já se avistavam, algumas refletidas no mar agitado, outras obviamente sendo transportadas pela areia. Eles já estavam desembarcando!

Só que eram silenciosos. Edgar ainda podia ouvir o cântico dos monges, alheios ao destino que iriam ter. Precisava avisá-los também. Mas não conseguiria avisar todo mundo ao mesmo tempo!

Ou talvez conseguisse. Olhou para a torre da igreja dos monges em destaque contra o céu que já clareava e pensou em um jeito de alertar Sunni, a família, os monges e a cidade inteira.

Fez uma curva fechada em direção ao mosteiro. Uma cerca baixa surgiu no caminho e ele pulou por cima dela sem diminuir a velocidade. Aterrissou, titubeou, recuperou o equilíbrio e continuou a correr.

Chegou à porta da igreja e olhou para trás. O mosteiro ficava no alto de um aclive, de onde se podiam ver toda a cidade e a baía. Centenas de vikings chapinhavam pelo mar raso até a praia e dali para Combe. Ele viu a palha dura e ressecada pelo verão de um telhado de sapê se abrasar, depois outra, e logo mais outra. Conhecia todas as casas e seus donos, mas à luz fraca não sabia ao certo qual era qual e perguntou-se apreensivo se a sua estaria em chamas.

Abriu a porta da igreja. A nave estava iluminada pela luz tremeluzente

das velas. O cântico dos monges destoou quando alguns deles o viram correndo até a base da torre do campanário. Ele viu a corda pendurada, agarrou-a e puxou-a para baixo. Para seu desalento, o sino não produziu nenhum som.

Um dos monges se afastou do grupo e veio a passos largos na sua direção. Seu cocuruto raspado era rodeado por cachos brancos, e Edgar reconheceu o prior Ulfric.

– Saia daqui, seu menino tolo – disse o prior, indignado.

Edgar não podia se dar ao luxo de perder tempo com explicações.

– Preciso tocar o sino! – exclamou, desesperado. – Por que não está soando?

A missa tinha sido interrompida e agora todos os monges o observavam. Um segundo homem se aproximou: o cozinheiro Maerwynn, um homem mais jovem e não tão pomposo quanto Ulfric.

– Edgar, o que está acontecendo? – perguntou ele.

– Os vikings estão aqui! – gritou Edgar, tornando a puxar a corda.

Nunca havia tentado tocar um sino de igreja e ficou espantado com seu peso.

– Ah, não! – gemeu o prior Ulfric, e foi perceptível a mudança em sua expressão: a reprovação deu lugar ao medo. – Que Deus nos proteja!

– Tem certeza, Edgar? – indagou Maerwynn.

– Eu os vi da praia!

Maerwynn foi até a porta e olhou para fora. Voltou pálido.

– É verdade – atestou o cozinheiro.

– Corram, todos vocês! – berrou Ulfric.

– Esperem! – disse Maerwynn. – Edgar, continue puxando a corda. É preciso puxar algumas vezes até tocar. Tire os pés do chão e se pendure. Vocês, os outros, ainda temos alguns minutos. Peguem algo antes de fugir: primeiro, os relicários com os restos mortais dos santos, depois os ornamentos incrustados de pedras preciosas e os livros... e fujam para a floresta.

Segurando a corda, Edgar ergueu o corpo do chão e um instante depois

ouviu ecoar o estrondo do imenso sino.

Ulfric agarrou uma cruz de prata e saiu correndo, e os outros monges começaram a segui-lo, alguns procurando calmamente objetos preciosos, outros tomados pelo pânico, aos berros.

O sino começou a balançar e soou várias vezes. Edgar puxava a corda com força, usando todo o peso do corpo. Queria que todos soubessem que aquilo não era apenas para despertar os monges, mas um aviso para a cidade inteira.

Passado um minuto, teve certeza de ter feito o suficiente. Deixou a corda pendurada e saiu correndo da igreja.

O cheiro acre de sapê queimado incomodou suas narinas: o vento sudoeste vigoroso estava espalhando as chamas a uma velocidade terrível. Ao mesmo tempo, o dia já clareava. Na cidade, pessoas fugiam de casa agarradas a bebês, crianças e o que mais tivessem de precioso: ferramentas, galinhas, bolsas de couro cheias de moedas. Os mais rápidos já estavam atravessando os campos em direção à floresta. Alguns conseguiriam escapar graças ao sino, pensou Edgar.

Seguiu contra a maré humana, esquivando-se de amigos e vizinhos, em direção à casa de Sunni. Viu o padeiro, que devia estar assando pães desde cedo e agora fugia com um saco de farinha nas costas. A taberna Os Marinheiros ainda estava silenciosa e seus ocupantes tinham dificuldade para despertar mesmo depois das badaladas do sino. O joalheiro Wyn passou montado em seu cavalo com um baú amarrado nas costas; o cavalo em pânico corria em disparada e o homem se segurava desesperado com os dois braços no pescoço do animal. Um escravo chamado Griff passou carregando uma velha, sua dona. Edgar examinou cada rosto que viu passar, para o caso de Sunni ser um deles, mas não a encontrou.

Foi então que topou com os vikings.

A vanguarda dos invasores era composta por uma dúzia de homens grandes e duas mulheres de aspecto aterrorizante, todos trajando coletes de couro justos e armados com lanças e machados. Não usavam capacete, Edgar percebeu, e, com o medo lhe subindo pela garganta, deu-se conta de

que eles não precisavam de muita coisa para se proteger dos fracos moradores de Combe. Alguns já carregavam butins: uma espada com o cabo incrustado de pedras preciosas, obviamente fabricada para ser exposta, e não para lutar; uma bolsa de moedas; vestes de pele de animal; uma sela cara com arreios de bronze dourado. Um deles conduzia um cavalo branco que Edgar reconheceu como pertencente ao dono de um pesqueiro de arenque; outro carregava uma garota nos ombros. Edgar notou aliviado que não era Sunni.

Edgar recuou, mas os vikings continuaram avançando, e ele não podia fugir porque precisava encontrar Sunni.

Alguns moradores valentes resistiam. Como estavam de costas, ele não conseguia ver quem eram. Uns usavam machados e adagas; outro, um arco e flechas. Durante vários segundos Edgar ficou apenas assistindo, paralisado pelas lâminas afiadas que cortavam carne humana, pelo som de homens feridos uivando de dor feito animais, pelo cheiro da cidade em chamas. A única violência que já presenciara fora meninos agressivos ou homens embriagados trocando socos. Aquilo era algo novo: sangue esguichando, vísceras se derramando, gritos de agonia e terror. Ele congelou de tanto medo.

Os comerciantes e os pescadores de Combe não eram páreo para aqueles agressores que ganhavam a vida subjugando os outros pela violência. Os moradores foram abatidos em segundos, e mais vikings avançaram no encalço dos líderes.

Edgar recuperou os sentidos e se escondeu atrás de uma casa. Precisava fugir dos vikings, mas não estava tão assustado a ponto de esquecer Sunni.

Os invasores avançavam pela rua principal, perseguindo as pessoas que fugiam por ali. No entanto, não havia vikings atrás das casas; cada uma tinha cerca de 2 mil metros quadrados de terreno. A maioria dos moradores plantava árvores frutíferas e uma horta, e os mais ricos tinham um galinheiro ou um chiqueiro. Edgar atravessou vários quintais até chegar ao de Sunni.

Sunni e Cyneric moravam numa casa igual a todas as outras a não ser pela leiteria, uma extensão anexa feita de areia, pedra, barro e palha, com telhado de lajotas de pedra fina, tudo com o objetivo de manter o ambiente fresco. A construção ficava no limite de uma pequena campina onde as vacas pastavam.

Edgar chegou, abriu a porta exaltado e entrou.

Viu Cyneric, um homem baixo e pesado, de cabelos pretos, no chão. Os juncos à sua volta estavam empapados de sangue e ele não se movia. Um ferimento aberto entre o pescoço e o ombro já não vertia sangue, e Edgar não teve dúvida de que ele estava morto.

Brindle, a cadela marrom e branca de Sunni, tremia e ofegava num canto como fazem os cães quando estão apavorados.

Mas onde estava Sunni?

Nos fundos da casa havia uma porta que dava para a leiteria. A porta estava escancarada. Enquanto corria até lá, Edgar ouviu Sunni gritar.

Entrou na leiteria. Viu as costas de um viking alto de cabelos louros. Uma briga estava em curso: um balde de leite tinha se derramado no chão de pedra e a comprida manjedoura onde as vacas comiam estava emborcada.

Em uma fração de segundo, Edgar percebeu que a oponente do viking era Sunni. Seu rosto bronzeado estava fechado de raiva, a boca muito aberta expunha os dentes brancos, os cabelos escuros soltos balançavam. O viking segurava um machado numa das mãos, mas não o estava usando. Com a outra, tentava derrubar Sunni no chão enquanto ela o atacava com uma grande faca de cozinha. Ele obviamente queria capturá-la em vez de matá-la, pois uma jovem saudável rendia um bom dinheiro como escrava.

Nenhum dos dois viu Edgar.

Antes de Edgar conseguir se mexer, Sunni acertou o viking no rosto e o homem urrou de dor, enquanto o sangue esguichava do corte na bochecha. Enfurecido, soltou o machado, agarrou-a pelos ombros e a jogou no chão. Ela caiu com força e Edgar ouviu um baque nauseante quando sua cabeça bateu no degrau de pedra da soleira. Para seu horror, Sunni pareceu perder

os sentidos. O viking se abaixou sobre um dos joelhos, enfiou a mão no colete e sacou uma tira de couro com a evidente intenção de amarrá-la.

Ao virar a cabeça de leve, ele viu Edgar.

Seu rosto exibiu uma expressão de alerta e ele estendeu a mão em direção à arma caída, mas era tarde demais. Edgar se apoderou do machado um segundo antes de o viking conseguir agarrá-lo. Era uma arma muito parecida com a ferramenta que usava para derrubar árvores. Ele segurou o cabo e num canto escuro da mente reparou que o cabo e a cabeça eram bem equilibrados. Deu um passo para trás de modo a sair do alcance do viking. O homem começou a se levantar.

Edgar brandiu o machado num largo círculo.

Tornou a puxá-lo para trás de si, então o suspendeu acima da cabeça e finalmente o desferiu, depressa e com força, numa curva perfeita. A lâmina afiada aterrissou no topo da cabeça do sujeito. Fendeu os cabelos, a pele e o crânio e cravou-se profundamente, de modo que os miolos saltaram.

Para horror de Edgar, o viking não caiu morto de imediato, mas pareceu lutar para permanecer de pé. Então a vida se esvaiu como a luz de uma vela se extingue depois de assoprada e ele desabou no chão feito um saco de carne inerte.

Edgar largou o machado e foi se ajoelhar ao lado de Sunni. Os olhos dela estavam abertos e fixos. Ele chamou seu nome.

– Fale comigo – pediu, segurando a mão e erguendo o braço dela.

Estava flácido. Beijou-a na boca e percebeu que não havia respiração. Sentiu seu coração logo abaixo da curva suave do seio que tanto adorava. Manteve a mão ali, torcendo desesperadamente para sentir um batimento, e soluçou ao constatar que não havia nada. Sunni tinha ido embora, e seu coração não tornaria a bater.

Ele ficou olhando para a cena sem acreditar durante alguns instantes e então, com ternura, tocou-lhe as pálpebras com a ponta dos dedos – delicadamente, como se temesse machucá-la – e fechou os olhos dela.

Bem devagar, caiu para a frente até descansar a cabeça no peito dela e

suas lágrimas encharcaram o vestido de lã marrom feito em casa que ela estava usando.

No minuto seguinte, foi tomado por uma fúria enlouquecida dirigida ao homem que tirara a vida de Sunni. Levantou-se de um pulo, empunhou o machado e começou a golpear o rosto do viking morto, esmigalhando a testa, furando os olhos, partindo o queixo ao meio.

O acesso durou apenas alguns instantes antes de ele se dar conta da inutilidade abominável do que estava fazendo. Quando parou, ouviu gritos do lado de fora numa língua parecida com a que ele falava, mas não exatamente igual. Isso o trouxe de volta ao perigo que estava correndo. Ele talvez estivesse prestes a morrer.

Não me importo, vou morrer, refletiu. Mas esse pensamento durou apenas alguns segundos. Se encontrasse outro viking, poderia rachar sua cabeça como fez com o homem a seus pés. Por maior que fosse sua dor, a perspectiva de ser retalhado até a morte ainda o apavorava.

O que poderia fazer? Tinha medo de ser encontrado dentro da leiteria, com o corpo do viking clamando por vingança, mas, se saísse, com certeza seria capturado e morto. Olhou em volta atarantado: onde poderia se esconder? Seu olhar recaiu sobre a manjedoura emborcada, uma estrutura de madeira tosca. Virada de cabeça para baixo, ela parecia grande o suficiente para escondê-lo.

Ele se deitou no chão de pedra e puxou a manjedoura por cima de si. Na última hora, ergueu a borda, pegou o machado e o reteve consigo.

Um feixe de luz entrava pelas ranhuras entre as tábuas da manjedoura. Ele ficou imóvel e apurou os ouvidos. A madeira abafava um pouco os sons, mas podia ouvir vários uivos e gritos lá fora. Aguardou, apavorado; a qualquer momento um viking poderia entrar e ficar curioso o suficiente para olhar debaixo da manjedoura. Caso isso acontecesse, decidiu Edgar, ele tentaria matá-lo na hora com o machado; só que estaria numa posição de forte desvantagem, deitado no chão, com o inimigo em pé acima dele.

Ouviu um cachorro ganir e compreendeu que Brindle devia estar ao lado da manjedoura virada.

– Vá embora – sibilou, mas acabou encorajando a cadela, que ganiu mais alto.

Edgar soltou um palavrão, então levantou a borda da manjedoura, esticou a mão para fora e puxou a cadela para junto de si. Brindle se deitou e ficou quieta.

Edgar aguardou, atento aos barulhos terríveis de morte e destruição.

Brindle começou a lamber os miolos do viking da lâmina do machado.



Sobre o autor

KEN FOLLETT despontou como escritor aos 27 anos, com *O buraco da agulha*, thriller premiado que chegou ao topo das listas de mais vendidos em vários países e foi relançado pela Editora Arqueiro em edição comemorativa de 40 anos. Depois, surpreendeu a todos com *Os pilares da Terra* – publicado em e-book pela Arqueiro –, romance que até hoje, mais de 30 anos após seu lançamento, continua encantando o público mundo afora. *Coluna de fogo*, ambientado no mesmo cenário, é o lançamento mundial mais recente do autor.

Dele, a Arqueiro publicou também a série O Século (*Queda de gigantes*, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*), *Mundo sem fim*, *Um lugar chamado liberdade*, *Noite sobre as águas*, *As espiãs do Dia D*, *O homem de São Petersburgo*, *A chave de Rebecca*, *O voo da vespa*, *Contagem regressiva*, *Tripla espionagem* e *Uma fortuna perigosa*.

Para mais informações, visite o site:

www.ken-follett.com

CONHEÇA OS LIVROS DE KEN FOLLETT

Os pilares da Terra (e-book)
Mundo sem fim
Coluna de fogo
Um lugar chamado liberdade
As espiãs do Dia D
Noite sobre as águas
O homem de São Petersburgo
A chave de Rebecca
O voo da vespa
Contagem regressiva
O buraco da agulha
Tripla espionagem
Uma fortuna perigosa
Notre-Dame

O SÉCULO
Queda de gigantes
Inverno do mundo
Eternidade por um fio

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br




"Um thriller de tirar o fôlego, com intrigas políticas e amorosas, assassinatos a sangue-frio e crises financeiras." — San Francisco Chronicle
KEN FOLLETT
UMA FORTUNA PERIGOSA
TRAÍDOS PELA LUXÚRIA, UNIDOS POR UM LEGADO EM COMUM

Uma fortuna perigosa

Follett, Ken
9788530600143
480 páginas

Compre agora e leia

KEN FOLLETT JÁ VENDEU MAIS DE 160 MILHÕES DE LIVROS NO MUNDO.

Traídos pela luxúria, unidos por um legado em comum.

"Um thriller de tirar o fôlego, com intrigas políticas e amorosas, assassinato a sangue-frio e crises financeiras." – ***San Francisco Chronicle***

"Follett constrói o clímax dramático com a mesma maestria que o guiou em *O buraco da agulha* e *Os pilares da Terra*." – ***Playboy***

Um acidente trágico, uma rivalidade feroz, um segredo fatal

Em 1866, numa exclusiva escola inglesa, um jovem aluno se afoga em circunstâncias misteriosas. As repercussões de sua morte se estenderão por muitas décadas, em uma saga de traição, ganância, vingança e paixão.

Presentes no dia fatídico estão Hugh Pilaster e seu primo mais velho Edward, herdeiros de uma poderosa dinastia de banqueiros com conexões que se estendem de Londres até as colônias distantes, e Micky Miranda, filho de um violento latifundiário sul-americano.

Anos mais tarde, quando os dois primos se veem envolvidos em uma competição brutal pela posição mais alta no banco, a verdade chocante sobre seus dias de escola vem à tona, ameaçando destruir não só a fachada respeitável da família, mas também a própria economia britânica.

Em meio a clubes masculinos privados e bordéis que realizam todos os desejos da classe alta londrina, passando pelos salões de festas dos grandes detentores de riqueza do mundo, Ken Follett constrói uma trama de mistério que retrata com realismo o esplendor e a decadência da Inglaterra Vitoriana.

Compre agora e leia


CAMILLA
LÄCKBERG
Mais de 26 milhões de livros vendidos
REVENGE
A GAIOLA DE OURO
A VINGANÇA DE UMA MULHER É BELA E BRUTAL

A gaiola de ouro

Läckberg, Camilla
9788530601485
272 páginas

Compre agora e leia

NOVO SUSPENSE DE CAMILLA LÄCKBERG.

Com 26 milhões de livros vendidos, ela é considerada a rainha europeia do crime.

"Prepare-se para saborear uma história com as reviravoltas e deliciosas perversidades que são a marca registrada dos livros de Camilla Läckberg. Uma maravilhosa mistura de *Garota exemplar* e *Os homens que não amavam as mulheres*." **– Chris Bohjalian,** autor de *O laço duplo*

A vingança de uma mulher é bela e brutal

Jack e Faye começaram a namorar na faculdade: um garoto criado em berço de ouro e uma jovem que se esforçou para enterrar um passado sombrio. Quando ele decide criar uma empresa, ela deixa os estudos e passa a trabalhar de dia, dedicando as noites a traçar a estratégia do novo negócio.

A companhia se torna um sucesso bilionário, mas Faye se sente como um lindo pássaro preso numa gaiola, apenas cuidando da filha em casa e sendo exibida pelo marido, que toma todas as decisões da empresa. Jack agora despreza sua inteligência, esquecendo tudo o que ela sacrificou por ele.

Quando Faye descobre que ele tem um caso, a bela fachada de sua vida desmorona. De uma hora para outra, ela está sozinha, emocionalmente

abalada e sem nenhum centavo – porém nada pode se comparar à fúria de uma mulher com um passado violento determinada a se vingar.

Jack está prestes a receber o que merece, e muito mais.

Nesta eletrizante história de sexo, traição e segredos, Camilla Läckberg prova ser uma das vozes mais importantes do suspense mundial.

Compre agora e leia


Pode o amor resistir
às mais duras provações?
Da autora
de DESEJO
PROIBIDO
eternamente
você
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

Eternamente você

Jackson, Sophie
9788580414820
80 páginas

Compre agora e leia

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.

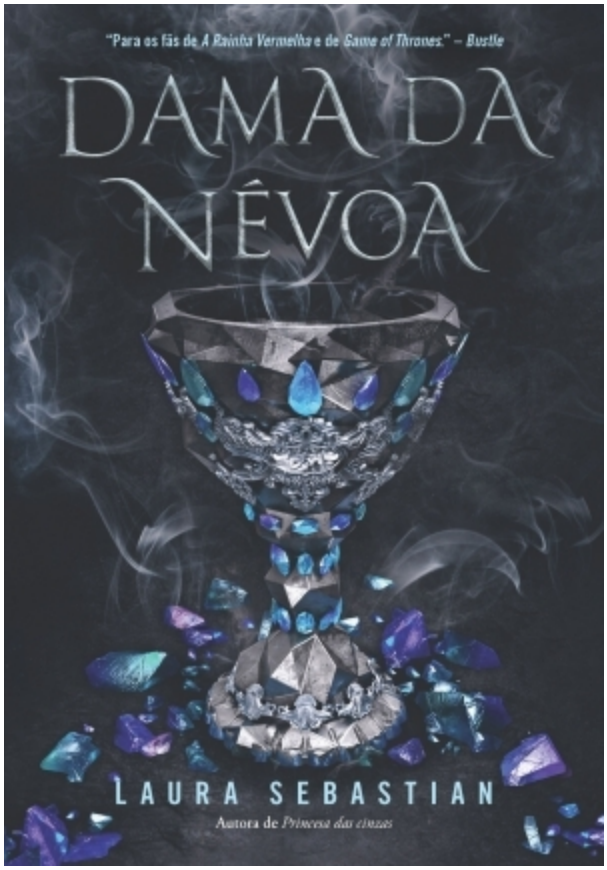
Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.

Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.

Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.

Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

Compre agora e leia


"Para os fãs de A Rainha Vermelha e de Game of Thrones." – Bustle
DAMA DA NÉVOA
LAURA SEBASTIAN
Autora de Princesa das cinzas

Dama da névoa

Sebastian, Laura
9788530601447
400 páginas

Compre agora e leia

BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES.*

Segundo volume de uma trilogia épica.

"Para os fãs de *A Rainha Vermelha* e de *Game of Thrones*." – **Bustle**

Quando Theodosia tinha apenas seis anos, sua mãe, a Rainha do Fogo, foi morta pelo kaiser. Ele tomou seu país e a manteve prisioneira, coroando-a como a Princesa das Cinzas e manipulando-a por dez anos.

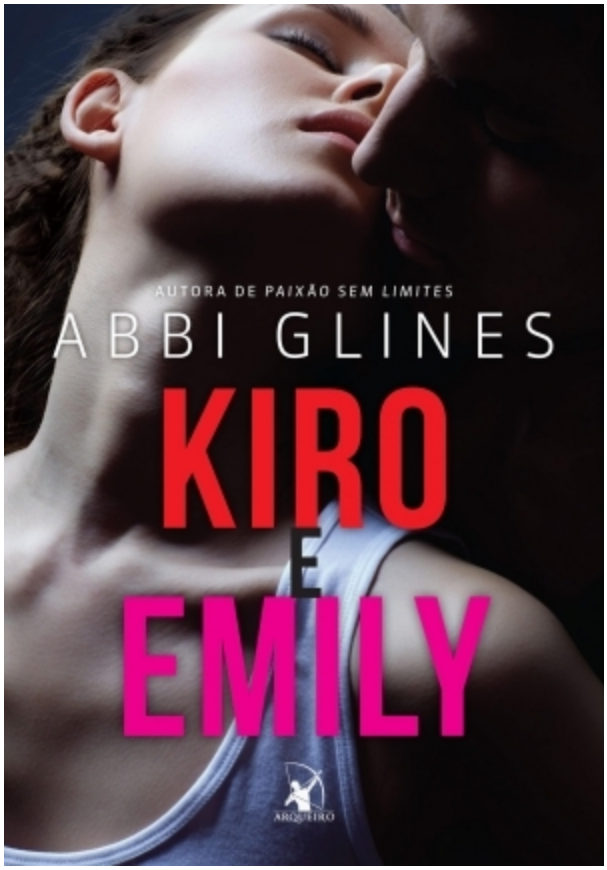
Porém, essa época terminou. O kaiser subestimou Theo, considerando-a fraca e indefesa. Ele não percebeu que uma mente arguta é a arma mais mortal.

Agora, Theo não usa mais uma coroa de cinzas. Ela recuperou o título que lhe pertencia e fez um refém: o prinz Søren, filho do kaiser. Mas seu povo continua escravizado e ela está a milhares de quilômetros de distância.

Para recuperar o trono, ela precisa de um exército. Segundo sua tia, a temível pirata Dragonsbane, a única maneira de obter um é se casando.

Theo sabe que a liberdade tem um preço, mas ela está determinada a encontrar um jeito de salvar seu país sem precisar se perder no caminho.

Compre agora e leia


AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES
ABBI GLINES
KIRO
E
EMILY
ARQUEIRO

Kiro e Emily

Glines, Abbi
9788580416107
120 páginas

Compre agora e leia

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock.

Por isso, não é de estranhar que o *bad boy* incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show.

Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado.

Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em *A primeira chance*. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

Compre agora e leia